Jornal UFG

Impresso Especial
9912229887-DR/GO
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – ANO VI – Nº 49 – NOVEMBRO/DEZEMBRO – 2011

UFG 51 Anos
Maturidade para o futuro

Crescimento vertiginoso da universidade é acompanhado de esforço, adaptação e planejamento

Ilustração: Ulisses Abreu

Jornalismo Científico

Mediação entre cientistas e a sociedade, para Wilson Bueno, ainda é falha na formação profissional e na falta de sensibilidade dos dirigentes de comunicação e do governo

p. 3

Qualidade de vida no trabalho

São muitos os fatores que envolvem o bem-estar do trabalhador e o alcance desse objetivo também depende dele. A UFG forma primeira turma de Multiplicadores de QVT

p. 5 e 6

O Brasil na geopolítica

Novo mapa político do mundo aponta rumo do país a uma economia colonial, em detrimento de um projeto de economia nacional, crise que afeta toda a América Latina. Especialistas creem, ainda, no risco de uma guerra mundial

p. 11

EDITORIAL

Edward Madureira Brasil*

Maturidade para planejar o futuro

Dia 14 de dezembro, a UFG completa 51 anos de uma história riquíssima, repleta de muitas lutas, mas também de muitas conquistas, com grande contribuição para o desenvolvimento regional. Especialmente nos últimos quatro anos, a universidade experimentou um grande crescimento em razão do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) instituído pelo governo federal, em 2007. Esse crescimento, que trouxe muitas vantagens, tem exigido, em alguns momentos, um extraordinário esforço de adaptação à nova realidade. Contudo, o caminho que a UFG tem percorrido rumo à maturidade é bastante seguro e lhe permite aceitar os desafios que se apresentam e planejar com mais clareza o seu futuro.

A maior dificuldade continua sendo o número ainda reduzido de servidores técnico-administrativos. No que se refere ao quadro de servidores docentes, a ampliação foi condizente com o crescimento institucional. Somamos, hoje, mais de dois mil professores, sendo mais de 1 mil e 500 doutores, números que têm reflexos positivos na qualidade do nosso ensino.

Atualmente trabalhamos com um projeto de universidade multicâmpus. Em breve, com o início das atividades em Aparecida de Goiânia e Cidade Ocidental, somaremos seis câmpus, e há espaço para crescer ainda mais. A UFG movimenta-se no sentido da inserção e da atuação em grandes redes, como a da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que visam à colaboração interinstitucional em todas as áreas, no ensino, na pesquisa e na extensão.

Além da maturidade para decidir sobre o seu futuro, a UFG reúne massa crítica suficiente para consolidar-se como uma grande universidade. Para isso precisamos continuar com o trabalho que vem sendo realizado na graduação, balizadora do ensino superior no estado de Goiás, e investir na pós-graduação e na internacionalização, buscando garantir para os nossos programas conceitos internacionais de qualidade. Dessa forma, a UFG rompe os seus próprios limites e amplia sua perspectiva de conquistar mais espaço no estado, no país e mesmo no cenário internacional. O momento é propício para extrapolar a mobilidade internacional e trabalhar espaços colaborativos de pesquisa em grandes redes internacionais.

Para que tudo isso seja possível, as universidades precisam continuar unidas na luta pelo reconhecimento da autonomia. É imprescindível que o cidadão compreenda essa autonomia e reconheça sua importância. Logo, a aproximação com a sociedade, mais do que necessária, faz-se determinante. E ela pode ser alcançada sobretudo mediante a concepção de políticas públicas em benefício da comunidade e o apoio em sua implementação. Essa dimensão de compromisso com a sociedade perpassa toda a trajetória da UFG e fundamenta seu esforço de crescer com qualidade.

*Edward Madureira Brasil
Reitor da UFG

CÂMPUS EM FOCO

Colégio de Aplicação: a alegria do reencontro

Em clima de festa, samba e churrasco, amigos se reencontraram e trocaram lembranças do tempo de escola na 2ª Confraternização do Colégio de Aplicação, atual Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae). No dia três de dezembro, reuniram-se no pátio do colégio professores, pais, alunos e ex-alunos de várias gerações, que vieram até de outros estados para celebrar juntos a memória da escola. "Nós ficamos orgulhosos de ver quantas pessoas já passaram pelo Colégio de Aplicação e, agora, retornam com os olhos brilhando de saudades da nossa escola", comentou Maria José de Oliveira Faria, diretora do Cepae. O destaque foi o lançamento do primeiro livro do professor Geraldo Faria Campos, *Janelas da liberdade*. A obra compila crônicas e poemas e foi organizada por ex-alunos e colegas do autor, editada pelo próprio Cepae da UFG (Cegraf).

Fotos: Mário Braz

Professores, familiares e ex-alunos de diversas turmas estiveram presentes no evento. O mestre Geraldo Faria autografou mais de 300 exemplares do seu livro Janelas da liberdade

Zaíra Varizo é Professora Emérita

Professores, alunos e servidores técnico-administrativos prestigiaram no dia 24 de novembro a entrega do título de Professora Emérita da UFG a Zaíra da Cunha Melo Varizo. O evento foi realizado na unidade em que a professora Zaíra atuou, o Instituto de Matemática e Estatística (IME). Emocionada, ela declarou que este foi um momento mágico em sua vida. Zaíra Varizo agradeceu a homenagem e ressaltou a importância de uma boa formação profissional para os professores. Amigos e colegas de profissão, por sua vez, destacaram a perseverança e dedicação ao ensino e à pesquisa demonstradas pela professora durante 44 anos de magistério no ensino superior.

Carlos Siqueira

Jornal UFG

Publicação da Assessoria de Comunicação
Universidade Federal de Goiás
ANO VI – Nº 49 – NOVEMBRO/DEZEMBRO 2011

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Universidade – **Reitor:** Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Eriberto Francisco Bevilaqua Marin; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG – **Coordenadora de imprensa e editora-geral:** Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora:** Silvânia de Cássia Lima; **Editora-assistente:** Michele Ferreira Martins; **Conselho editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Ivan Torres Nicolau de Campos, Maria das Graças Monteiro Castro, Silvana Coleta, Venerando Ribeiro de Campos, Célia Sebastiana Silva; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida, Suely Henrique de Aquino Gomes; **Revisão:** Maria José Soares e Ana Paula Ribeiro Lopes; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Nogueira e Reuben Lago; **Fotografia:** Carlos Siqueira; **Reportagem:** Patrícia da Veiga Borges; **Colaboradores:** Cláudio Lira, Fábio Gaio, Geandra Avelar, Itamar Pires, Maria das Graças Gonçalves, Marília Almeida, Thalízia de Souza e Tiago Gebrim; **Estagiários:** Pollyana Reis, Ranié Solarevisky e Marina Celestino (jornalismo); Jaqueline Telis e Mário Braz (fotografia) e Ulisses Abreu (ilustração). **Bolsistas:** Pollyanna Lima e Nádilla Cardoso. **Secretário administrativo:** Leonardo Rezio.

Impressão: Centro Editorial e Gráfico (Cegraf) da UFG.

Razões para a profissionalização em jornalismo científico

Flávia Gomes

Michele Martins

A atuação dos jornalistas em centros de pesquisa e tecnologia, seja na cobertura diária dos veículos de comunicação de massa, seja no trabalho das assessorias de comunicação, é uma atividade primordial para a sociedade. Uma das principais obrigações é chamar a atenção para as implicações da produção científica no cotidiano dos cidadãos. Foi nessa área que o trabalho do professor Wilson da Costa Bueno tornou-se referência. Sempre muito crítico e chamando a atenção para o olhar atento que os jornalistas devem voltar para os bastidores da ciência, ele concedeu esta entrevista ao **Jornal UFG** durante a 63ª Reunião Anual da SBPC, realizada na UFG em julho. Wilson da Costa Bueno atua em duas frentes de estudos: o jornalismo especializado, envolvendo três grandes áreas – a ambiental, a de saúde e a científica – e os estudos sobre comunicação empresarial. Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP) e hoje vinculado à pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, onde também tem atuado há mais de 30 anos, Wilson da Costa Bueno é um dos poucos professores no Brasil que estudou tão profundamente a relação entre a mídia e a ciência e que orientou um grande número de trabalhos sobre esse tema: em 2012, ele deverá completar 100 teses orientadas na área de Comunicação. Considerável parte desses trabalhos foi no campo do Jornalismo Científico (JC). Um dos projetos a que tem se dedicado é a primeira Escola Brasileira de Jornalismo Científico, um curso de extensão intensivo de Jornalismo Científico, com aulas práticas e teóricas, destinado a estudantes do último período do curso de jornalismo de todo o país. No mês de julho, durante a 63a. Reunião Anual da SBPC, o curso foi ministrado na UFG. E foi num dos intervalos das aulas que ele concedeu esta entrevista.

Todo jornalista tem a obrigação de ter uma visão crítica da realidade e saber fazer as perguntas certas para conseguir as informações de interesse público. Qual é o grande diferencial de um jornalista que se especializa na área de ciência?

O jornalismo científico começa antes da produção da matéria, quando o repórter avalia o contexto em que a notícia é gerada. O jornalista deve saber quem lucra com a divulgação e os interesses por trás dessa divulgação. No jornalismo científico, temos o compromisso de checar as informações e de qualificar a cobertura, o que é um sistema muito particular de produção de conhecimento. E se não dominamos o tema, não temos conhecimento dessa cultura científica, cometeremos erros típicos importantes. Se um político fala uma coisa hoje, fala uma coisa diferente no dia seguinte, podemos até achar isso razoável. Mas o cientista é coerente. Ele está preocupado com a precisão da informação e nos cobra isso. Portanto, há uma cultura particular na produção da matéria de ciência e tecnologia. Acho fundamental repassar o jargão, o método, a história, a filosofia da ciência.

Quais as principais orientações para os jornalistas que cobrem ciência e tecnologia?

A ideia é que a divulgação científica, por meio do jornalismo científico, não comece na produção da matéria. Tem de começar antes, na observação do contexto em que essa matéria é gerada. A ciência não é uma área isenta de interesses ou independente, como podemos imaginar. Como na economia ou na política, há interesses em jogo na cobertura e na produção de ciência e de tecnologia. Temos de ficar de olhos abertos porque pode ser que as fontes estejam comprometidas com interesses empresariais, políticos e até militares.

Como o senhor avalia a formação nessa área específica?

No Brasil é precária a formação nessa área. Posso afirmar que menos de 10% dos cursos de Jornalismo oferecem algum conteúdo voltado para a divulgação científica. Muitas vezes, os jornalistas saem da graduação com preconceito em relação à divulgação de ciência, porque na mídia, no mercado de trabalho, eles vão escutar que isso não tem importância para a população. Falta sensibilidade dos editores, dos empresários de comunicação e até do governo para perceber a importância da divulgação científica. Não há espaços regulares, não há editorias, não há jornalistas especializados na maior parte dos veículos e, por isso, os equívocos e o repasse de informações erradas são cada vez mais frequentes. As pautas muitas vezes são escolhidas por interesses empresariais, aspectos curiosos da ciência. Há uma distorção da cobertura de ciência e tecnologia que compromete a própria imagem que a população tem da ciência e tecnologia, da sua importância.

O que o senhor pensa do trabalho de divulgadores que são cientistas?

Somos tão carentes da ampliação do debate sobre o conhecimento de temas científicos que temos de contar com todos. Há cientistas que fazem um trabalho formidável de divulgação científica. Posso citar o Marcelo Gleiser e, apesar das minhas restrições aos compromissos com laboratórios, posso citar o doutor Drauzio Varella. Muitos jornalistas científicos possuem formação em outras áreas, como Física, Biologia, Medicina. Acho que essa formação complementar deveria ser incentivada, para reforçar o compromisso social de divulgar a ciência.

O que é mais fácil: um cientista aprender a rotina do jornalista ou o jornalista aprender a rotina do laboratório?

Não sei. Os jornalistas fazem um filtro, uma adaptação da linguagem científica. Sempre há um trabalho de qualificação do texto em função da audiência. No Brasil, há poucas experiências de divulgação científica feita só por pesquisadores.

Como avalia o trabalho de JC nas assessorias de comunicação das instituições e universidades?

Esse é um trabalho fundamental. Creio que com ele cresce muito a possibilidade de inserção de temas científicos na mídia, quando se tem uma assessoria de comunicação competente. Na medida em que essas estruturas se profissionalizam e ganham autonomia, nos lugares que produzem ciência que são os institutos de pesquisa, as empresas e, sobretudo, as universidades, a presença da ciência e tecnologia da mídia cresce vertiginosamente. A garantia desse espaço está relacionada com o trabalho das assessorias, porque elas fazem a mediação com a imprensa, coisa que o pesquisador dificilmente consegue fazer. Esse processo de mediação é comum nas empresas, comum nos governos e é fundamental para a área de ciência e tecnologia. As fundações de amparo à pesquisa têm feito um trabalho importante e isso não era comum há 15 anos.

Em muitos casos essas fundações ficam sujeitas às conjunturas e aos interesses políticos, o que pode prejudicar o repasse de recursos financeiros. Quais as implicações nesses casos?

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) é um exemplo, porque, independentemente do governo, ela tem autonomia financeira e não depende de verbas estaduais. Em alguns estados brasileiros, nos quais existem caciques políticos influentes, verificamos uma relação estreita entre as áreas política, econômica e científica. Isso pode comprometer a continuidade dos projetos e a independência e isenção das fundações. Contudo, o trabalho de assessoria de comunicação nesses órgãos é muito importante para a divulgação científica.

Veja outros trechos dessa entrevista em: www.jornalufgonline.ufg.br

Qualidade de Vida no Trabalho: um objetivo ao alcance de todos

QVT vai além da ginástica laboral, abarcando todos os processos que afetam pessoas no trabalho

Silvânia Lima

Uma das grandes contradições do mundo contemporâneo, o descompasso entre avanço tecnológico e satisfação profissional é um importante fator que distancia os sujeitos da almejada qualidade de vida. Se no passado o advento da tecnologia acompanhou a promessa de menores jornadas de trabalho e mais tempo para se dedicar à comunidade, à família e aos amigos, hoje, instalada em nossos lares, ela está a fomentar o trabalho *in door* e a usurpar nosso tempo livre. Especificamente no ambiente do trabalho, em que despendemos parcela bastante significativa de nosso tempo de vida, residem muitos dos fatores que comprometem a saúde e o bem-estar dos trabalhadores, decorrendo daí a preocupação com a melhoria da qualidade de vida no trabalho (QVT).

Um contexto de trabalho insalubre ou uma relação deletéria com o trabalho revela-se na manifestação de doenças ocupacionais e psicossomáticas entre os trabalhadores, com reflexos nos outros âmbitos da vida da pessoa. No serviço público, a falta de modelos de gestão e organização do trabalho parece influir na recorrência de assédio moral e outros modos de violência psicológica como forma de alcançar as metas estabelecidas. Por isso, na avaliação se essa relação é ou não adequado à QVT consideram-se também aspectos organizacionais.

Muitas das características da gestão do serviço público chocam-se frontalmente com o que é próprio do trabalho imaterial e simbólico, predominante neste início de século. Cada dia mais, cobram-se dos servidores atitudes como envolvimento com a instituição, proatividade, autonomia, capacidade de automonitoria e autoaprendizado. Porém, essas habilidades não serão plenamente desenvolvidas em um contexto em que predomine a cultura da centralização das decisões, a falta de embasamento técnico-científico e de transparência, ausência dos espaços de escuta e de decisão compartilhada, além de definição de atribuições pouco claras.

Entre as consequências advindas desse processo estão a instabilidade constante quanto ao sentido do trabalho para o trabalhador, tensão no ambiente de trabalho, desgaste nas relações interpessoais, desânimo e descrença em si e na instituição, reações que vão do absenteísmo ou presenteísmo à violência, caracterizando uma condição de vulnerabilidade e desfiliação social. Trabalhadores em contextos semelhantes ao descrito podem desencadear transtornos de estresse, ansiedade, insônia, depressão, além de doenças psicossomáticas.

Precarização – A precarização do trabalho é uma realidade nas organizações, contraditoriamente aos novos meios e instrumentos disponíveis pelo avanço da tecnologia. Trata-se de um dos principais fatores de comprometimento da QVT. A precarização é percebida pela perda da razão social do trabalho, identificada nas carências de ordem educacional, na fragilização das estruturas governamentais e legislações promotoras de cidadania, na banalização da injustiça social e na violência no trabalho.

São indícios da crescente precarização do trabalho: o achatamento de salários, resultado de perdas salariais progressivas a partir da década de 1980; aumento da quantidade de trabalho e da pressão psicológica para que o trabalhador cumpra suas metas; acompanhada de uma constante defasagem de treinamento, tendo em vista a volatilidade das novas técnicas e tecnologias e da desresponsabilização do empregador em fornecê-lo. Em geral, o valor do trabalhador está diretamente relacionado a sua produtividade imediata e não a sua longevidade.

Violência e saúde – A violência contra o trabalhador não é algo novo e atualmente pode ser vista sob quatro perspectivas: estrutural (sobrecarga física e psicológica), repressiva (negação dos direitos dos trabalhadores), alienação (privação do reconhecimento dos sentimentos e de prazer no trabalho) e a clássica (violência física e verbal entre os diferentes atores, mantidas pela omissão, pela negligência e pela negação ou pela fragmentação de informações aos usuários dos serviços prestados). A alta ocorrência de doenças e afastamentos do trabalho levou o próprio campo da saúde a se reelaborar.

A emergência do foco na saúde do trabalhador na área da saúde coletiva é relativamente novo. Buscando superar os modelos da medicina do trabalho e da saúde ocupacional, esse enfoque surgiu no contexto da década de 1960, alimentado pelas exigências de participação dos trabalhadores nas questões de saúde e segurança. Tendo como objeto o processo saúde e doença e sua relação com o trabalho esta visão baseia-se na teoria da multicausalidade do processo saúde-doença, onde os fatores de risco do adoecer e morrer são considerados com o mesmo valor ou potencial de agressão ao homem.

Cabe a cada organização socialmente responsável discutir democraticamente seus problemas e estabelecer em sua política interna, com apoio da política externa (municipal, estadual e/ou federal), medidas de prevenção e combate à violência cotidiana ,que compromete o bem-estar e a saúde do trabalhador. Vale destacar a contribuição das instituições públicas de ensino e de pesquisa que somam esforços na luta por melhores condições de saúde e trabalho, por meio da capacitação profissional, da produção do conhecimento, da prestação de serviços e da fiscalização das exigências legais.

QVT na UFG

Na UFG, abre-se essa perspectiva por meio de uma série de ações iniciadas pela formação da primeira turma de "Multiplicadores de Qualidade de Vida no Trabalho". A psicóloga da Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh) e coordenadora do projeto, Natália Beatriz Viana Teixeira, fala sobre QVT:

O que é Qualidade de Vida no Trabalho?

Pode-se definir qualidade de vida no trabalho como um conjunto de ações de melhorias e inovações gerenciais e tecnológicas no ambiente laboral, a partir do olhar sobre a empresa e as pessoas como um todo, com enfoque biopsicossocial. Envolve realização de diagnósticos, campanhas, criação de serviços e implantação de projetos voltados para a preservação da saúde e para o desenvolvimento das pessoas. Analisando as práticas em QVT, Mário César Ferreira, pesquisador da área na Universidade de Brasília (UnB), as divide entre aquelas de viés assistencial e as de viés preventivo. As assistencialistas são marcadas pela exclusividade de práticas anti-estresse, pela natureza compensatória dos desgastes vivenciados no contexto de trabalho, e em essência se apóiam no pressuposto do trabalhador como variável de ajuste. Já as de viés preventivo, buscam atuar nas causas reais dos problemas, e estão ancoradas em uma concepção ontológica do sentido do trabalho, de resgate do papel humanizador nas organizações.

Como alcançar QVT no serviço público?

É preciso que haja na gestão pública a compreensão de que ações em QVT também favorecem a eficiência e eficácia da equipe de trabalho, combate o absenteísmo e o presenteísmo e potencializa as habilidades dos servidores ao favorecer um ambiente de trabalho seguro, física ou emocionalmente. Uma instituição que investe em QVT atesta à sociedade sua responsabilidade social e cidadania organizacional para com seus trabalhadores. A nós, servidores em geral, faltam medidas como: mais atenção à própria saúde e aos riscos a que nos expomos, sejam de natureza física por equipamentos e materiais inadequados, seja pela intensa carga afetiva e emocional a que o trabalho nos submete; mais empatia e solidariedade para com colegas de trabalho, muitas vezes julgados moralmente por debilidades adquiridas na prática laboral; e maior capacidade de organização e proposição de ações de QVT, que ponham em prática a nossa responsabilidade compartilhada de zelar pelo que é público e pela qualidade de seus serviços.

Multiplicadores de QVT já atuam em suas unidades

Em 2011, a UFG, ofereceu o primeiro Curso de "Multiplicadores em Qualidade de Vida no Trabalho", com o intuito de formar servidores docentes e técnico-administrativos nas dimensões conceituais e práticas da QVT, abarcando aspectos ambientais, organizacionais e relacionais, com o intuito de disseminar conhecimentos e habilidades na cultura organizacional da UFG que fomentem ações de QVT. Foram apresentados ainda a recente Política de Atenção à Saúde e Segurança no Trabalho do Servidor Público Federal (PASS) e aspectos conceituais da formação e a dinâmica de equipes de trabalho e das relações humanas.

O curso foi concebido na modalidade semipresencial, com o uso da plataforma *Moodle*, oficinas presenciais a cada módulo e a realização de tarefas *in loco*: elaborar e executar projeto de intervenção em QVT. O propósito do curso foi aproximar a temática proposta do contexto institucional da UFG e enquadra-se como estratégia de Promoção à Saúde da Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh), em consonância com a meta de implementação de uma política de vigilância e promoção à saúde do servidor, prevista no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Com uma dinâmica diversificada, incluindo a presença de convidados de outras instituições, foram abordados no curso aspectos como: trabalho, identidade, trabalho prescrito e real, o silêncio e a tática do segredo, trabalho coletivo, gestão de equipes, avaliação e reconhecimento do trabalho, gestão compreensiva e reflexiva, promoção à saúde e qualidade de vida.

Os 21 servidores que concluíram o curso são lotados em diferentes órgãos e unidades da UFG, como a Ascom, DP, FEF, HC, IESA, IQ, IF, IPTSP, Câmpus Jataí e Catalão, além de uma equipe de segurança no trabalho e de servidores estaduais do Hospital Materno Infantil. Esses grupos já estão com seus projetos prontos para promover ações que estimulem a cultura de QVT em seus locais de trabalho. Alguns desses projetos são relatados pelo **Jornal UFG**.

I Seminário de QVT do Câmpus Catalão

O grupo composto pelo professor Serigne Ababacar Cissé Ba, do curso de Administração, e dos servidores técnico-administrativos Samuel Cavalcante e Maria Terezinha do Prado, todos do Câmpus Catalão (CAC), propuseram como passo inicial para a introdução do tema em sua unidade a realização do I Seminário de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) do Câmpus Catalão. O evento deverá ser realizado no mês de maio de 2012, com o objetivo de propiciar um momento de conscientização de toda a comunidade, envolvendo servidores docentes e técnico-administrativos, estudantes e pessoal terceirizado, sobre a importância da saúde do trabalhador. Estão previstos para a ocasião, além de oficinas temáticas, uma palestra magna com a professora da Universidade de São Paulo (USP), Ana Cristina Limongi França, autoridade na área, com várias publicações.

A proposta do grupo é envolver toda a comunidade acadêmica. Para tanto, já conta com a colaboração de professores dos cursos de Enfermagem, Educação Física, Psicologia e Administração, bem como de estudantes, servidores técnico-administrativos e terceirizados na comissão de organização. Pretende-se, a partir do evento, desenvolver ações efetivas, visando à QVT no Câmpus Catalão, a começar pela constituição de um Grupo Permanente de Estudos sobre QVT na unidade, com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre o tema, diagnosticar problemas e propor soluções em parceria com a direção do CAC.

Fotos: Carlos Siqueira

Professor Serigne Ababacar apresenta projeto do grupo para o CAC

Intervenção na Faculdade de Educação Física

As servidoras Iêda Arriel, Meirilayne Ribeiro e Tálita Kardech, da Faculdade de Educação Física (FEF), elaboraram proposta de reorganização dos procedimentos acadêmicos e administrativos da unidade, tendo em vista a falta de um fluxograma sistematizado e a defasagem do organograma atual, responsáveis pela organização das tarefas.

Com apoio e colaboração de servidores, direção e funcionários terceirizados da FEF, uma proposta de intervenção está em andamento na faculdade, elaborada mediante entrevistas, questionários, (com servidores docentes e técnico-administrativos) e seminário sobre QVT. A fim de melhor nortear a proposta, o grupo estabeleceu quatro categorias: condições de trabalho, organização, relações socioprofissionais e consequências para a saúde mental.

Natália Teixeira (UFG) e Luiza Medeiros (UnB), doutora em psicologia social das organizações e do trabalho, em palestra no curso

Acesso a alimentação saudável

Considerando a alimentação fator de suma importância para o bem-estar do trabalhador, o grupo da Reitoria, composto por Marilene Barros, Maria José Soares e Silvânia Lima, escolheu pesquisar os hábitos alimentares dos servidores durante o turno de trabalho. O prédio da Reitoria abriga cerca de trezentas pessoas, entre docentes, técnicos administrativos, terceirizados, estagiários e bolsistas, de diferentes faixas etárias, condições de saúde e níveis de escolaridade, alocados em órgãos e setores com fluxo contínuo de trabalho e frequentes extensões de jornada.

Em uma abordagem informal, o grupo observou que a formação de bons hábitos alimentares é influenciada por fatores como o grau de informação sobre o assunto, a importância atribuída à manutenção da própria saúde, preocupações de ordem estética e o desejo de bem-estar.

Já a pressão exercida por prazos exíguos e rígidos, aliada à opções restritas para compor uma dieta balanceada, nutritiva e saudável, acarretam hábitos alimentares pouco saudáveis. A necessidade de conciliar uma ou mais jornadas de trabalho, família e estudos e as dificuldades de deslocamento no eixo residência–trabalho muitas vezes forçam as pessoas a ingerir, às pressas, o que estiver disponível no momento.

Com a orientação técnica de Ariandeny Silva de Souza Furtado, nutricionista do Instituto Federal de Goiás (IFG), e a supervisão da coordenadora do curso, Natália Beatriz Viana Teixeira, o grupo adotou o questionário elaborado pelo Ministério da Saúde (MS) para pesquisar os hábitos alimentares dos servidores públicos federais. Uma versão eletrônica do questionário, acrescida de duas questões abertas, foi enviada aos endereços eletrônicos das pessoas que trabalham no prédio.

A oferta de alimentos saudáveis durante o turno do trabalho é uma dos fatores de QVT. Em geral, predominam os lanches rápidos

Prevenção à Saúde no Trabalho

Ao constatarem elevada insatisfação dos servidores do Hospital Materno Infantil (HMI), expressa nos dados sobre absenteísmo, acidentes ocupacionais, dificuldades nos relacionamentos interpessoais e desmotivação, o grupo, composto por Amanda Hipólito, Eliana Carvalho e Magna Patrícia, não teve dúvidas em relação à forma de intervenção a efetuar.

O grupo realizou pesquisa interna, com aplicação de questionários, especialmente com os profissionais da área de Enfermagem, para implantar ações de vigilância e assistência à saúde mental, com o fim de promover a prevenção, a recuperação e a reabilitação daqueles submetidos a riscos e agravos psicológicos, decorrentes dos processos e do ambiente de trabalho.

Após contato com a chefia do setor de clínica da maternidade, o grupo realizou seis encontros, com o apoio profissional de psicólogas e de uma técnica de Segurança do Trabalho, durante dois meses. Durante os encontros, esteve disponível um espaço de escuta terapêutica, onde foi dada ao servidor a oportunidade de expor angústias, opiniões e questionamentos acerca da rotina de trabalho.

Amanda Hipólito, Eliana Carvalho e Magna Patrícia relatam que o foco da intervenção era promover a reflexão e o debate acerca dos conflitos que emergem no cotidiano do trabalhador, possibilitando o desenvolvimento de estratégias para melhorar o nível de satisfação no trabalho. O grupo procede o retorno dos resultados da pesquisa junto aos profissionais participantes do estudo.

Veja os demais projetos de intervenção de QVT na UFG em: www.jornalufgonline.ufg.br

Uma releitura dos principais debates de 2011

Michele Martins e Patrícia da Veiga

Nem sempre o jornalismo tem 'fôlego' e tempo para refletir sobre os temas que apresenta diariamente. Há assuntos de interesse público que não ganham o justo destaque na mídia ou sequer chegam a ser noticiados. Isso leva o volume de informações propagado a ficar gradativamente descontextualizado. É por isso que a equipe do **Jornal UFG** considera importante reunir especialistas da universidade e de outras instituições, bem como atores sociais e representantes do poder público, para debater questões vinculadas ao contexto sociopolítico, histórico, econômico e cultural.

Realizada em parceria com a Rádio Universitária, que veicula no ar os debates, a seção "Mesa-redonda" é uma tentativa de aproximar o jornalismo do meio acadêmico, marcado pela pluralidade de opiniões e de questionamentos. Seguindo o que já vem sendo feito há quatro anos no **Jornal UFG**, com a participação do corpo técnico da UFG, de lideranças e de autoridades externas, em 2011 foram produzidas seis edições, tratando de assuntos como saúde do trabalhador, agricultura, violência policial, políticas de educação, preservação do bioma Cerrado e ética na pesquisa. Confira a súmula desses debates.

Atenção à saúde do trabalhador

Com o título "Ação integrada entre instituições garantirá mais atenção à saúde do servidor público", a primeira mesa-redonda de 2011, publicada na edição de março, n. 43, deu destaque ao Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor (SIASS). Na ocasião, foi apresentada a ação de política pública negociada, a partir de 2008, entre a UFG e demais órgãos públicos federais de Goiás para unificar serviços referentes à saúde suplementar, perícia, promoção e vigilância.

Foram convidados Natália Beatriz Viana Teixeira, psicóloga integrante da equipe da Pró-reitoria de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos (Prodirh), Ernando Melo Filizzola, pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom), Fernando Pereira dos Santos, então presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Goiás (Adufg), e João Pires Júnior, coordenador geral do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior do Estado de Goiás (SINT-IFESgo).

O tema é pauta de reivindicação dos servidores docentes e técnico-administrativos desde a década de 1980. Durante a mesa-redonda, os entrevistados demonstraram esperança de que o SIASS possa ser um ponto de partida para a resolução de questões como prevenção de acidentes, doenças provocadas por más condições do ambiente de trabalho, complicações psicológicas derivadas de assédio moral. Para tanto, foi salientada a urgência da elaboração de um banco de dados sobre o perfil e a rotina produtiva dos servidores públicos. Outra expectativa em relação ao subsistema deriva da racionalização de recursos, tendo em vista que a Universidade Federal de Goiás, o Instituto Federal Goiano e o Instituto Federal de Goiás supervisionariam as ações de atenção à saúde.

Agricultura familiar e soberania alimentar

A preocupação da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) com uma iminente crise no setor primário, que apontou para a elevação nos preços de produtos básicos consumidos mundialmente, como cereais, óleos, carne e açúcar, levou a edição de abril, n. 44, do **Jornal UFG**, a reunir especialistas e atores sociais para falar sobre produção e distribuição de alimentos.

Foram convidados Sônia Milagres e Gabriel Medina, professores da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA), Rodrigo Gonçalves, engenheiro agrônomo do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), e Dirceu Fumagalli, um dos coordenadores nacionais da Comissão Pastoral da Terra.

Uma das questões centrais debatidas na mesa-redonda foi, sendo o Brasil um dos principais exportadores de matéria-prima do mundo, como reagiria o país durante a crise? A hipótese formulada pelos entrevistados foi que o Brasil não tem possui problemas de produção, portanto não sente os efeitos da crise de maneira direta. No entanto, a distribuição de alimentos, bem como a democratização do acesso à terra e a autonomia na produção, foram apontadas como gargalos que precisam ser enfrentados. Assim, investir na agricultura familiar como maneira de garantir soberania alimentar aos diversos povos foi considerada questão de primeira necessidade.

Jaqueline Teles

Profissionais da UFG, lideranças e autoridades de outras instituições são convidados para os debates, conforme tema, como este grupo que refletiu sobre a violência policial

O fantasma da violência policial

Considerando as constantes denúncias de violência cometida por diversos integrantes da polícia goiana, além da repercussão obtida pela operação Sexto Mandamento, deflagrada pela Polícia Federal no início de 2011, o **Jornal UFG** do mês de maio, n. 45, aprofundou-se no tema, buscando compreender quais formas de intervenção solucionariam o estado de tensão e medo no qual vive a sociedade.

Para a mesa-redonda dessa edição foram convidados Fábio Fazzion, membro da Comissão de Direitos Humanos, Cidadania e Legislação Participativa da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás, Djaci Davi de Oliveira, professor da Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da UFG, Paulo César Pereira da Silva, coordenador geral da Casa da Juventude Padre Burnier (CAJU), e Simone de Jesus e Jaqueline Santana Santos, policiais civis e integrantes do Conselho Nacional de Segurança Pública.

No contexto histórico latino-americano, em que as forças armadas e as polícias civil e militar desempenharam papéis importantes na sustentação de regimes autoritários, o legado da violência policial é um problema que ainda precisa ser solucionado. O abuso de poder e a força indiscriminada, usados como instrumento de controle social, tornam-se justificados, pois são tidos como "necessários" ao combate à criminalidade. No entanto, o discurso dissimula o caráter preconceituoso da ação policial, francamente dirigida às minorias sociais, como os pobres, os negros, os jovens. Os entrevistados relataram casos de discriminação, injustiça e impunidade envolvendo a polícia, mas demonstraram a esperança de que profissionais éticos sejam maioria na corporação. O cenário de ameaça à população seria, portanto, passível de mudança.

Carlos Siqueira

Os encontros são realizados na Rádio Universitária, que veicula as discussões em sua programação, ampliando o alcance do debate. Na foto, o grupo que abordou o Plano Nacional de Educação

Plano Nacional de Educação: onde estão os avanços?

Professores da UFG acompanham de perto a tramitação, no Congresso Nacional, do projeto de lei que deve aprovar o novo Plano Nacional de Educação (PNE) para os próximos dez anos. De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o plano traz dez diretrizes objetivas e 20 metas, além de estratégias específicas de concretização. Em junho, a Editora UFG lançou o livro *Plano Nacional de Educação (2011-2020): avaliação e perspectivas*, organizado por Luiz Fernandes Dourado, professor da Faculdade de Educação (FE/UFG).

Resultado de intensa pesquisa desenvolvida em três anos, envolvendo pesquisadores de quatro universidades federais – Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade de Brasília (UnB) – e do Instituto Federal de Goiás (IFG), o livro é um esforço conjunto realizado pelo grupo participante do processo de avaliação preliminar do PNE no período 2001-2008, de acordo com Luiz Dourado. Com base nessa avaliação, abriu-se uma ampla discussão entre o Ministério da Educação e especialistas na área de gestão, educação e estatística, para discutir a atualização dos indicadores educacionais relativos às metas do PNE e analisar o Projeto de Lei n. 8.035/2010. Por esse motivo, na edição de junho, n. 47, a equipe do **Jornal UFG** quis ampliar a discussão, convidando Maria Margarida Machado e Luiz Fernandes Dourado, professores da Faculdade de Educação (FE/UFG), e Nelson Cardoso Amaral, assessor da Reitoria da UFG, para debater o assunto.

Entre os pontos que mais chamaram a atenção, estava a declaração de que, por força de uma articulação política no governo, a proposta final do PNE 2011-2020 deixou o Ministério da Educação sem considerar muitos aspectos apontados na Conferência Nacional de Educação (Conae), realizada em 2010. "A essência das discussões não estava ali contemplada", afirmou Nelson Amaral, referindo-se ao projeto enviado pelo MEC.

Outro aspecto importante relacionava-se à polêmica sobre a destinação de 10% do PIB para investimento em educação, cujo percentual é de apenas 5%. Embora nos últimos dez anos a democratização do acesso à educação tenha se tornado fato, em especial na educação básica, as condições efetivas para garantir a qualidade do ensino não foram contempladas, principal argumento para que a área receba mais recursos financeiros.

Diante desse cenário complexo, os membros da mesa-redonda destacaram que os critérios de avaliação dos estudantes e a oferta de ensino formal às crianças com necessidades especiais precisam ser revistos. Consenso entre os convidados, a necessidade de a população acompanhar a execução das metas e o PNE deixar de ser uma política de governo para se tornar uma política de Estado foi apresentada como estratégia para que a educação ganhe de fato a prioridade que merece.

O Cerrado em pauta

A edição do mês de julho, n. 47, foi totalmente dedicada à 63a Reunião Anual da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC), realizada no Câmpus Samambaia, em Goiânia, entre 10 e 15 de julho de 2011. Assim, a mesa-redonda desta edição não poderia deixar de reunir especialistas goianos para debater a temática central do evento "Cerrado: água, alimento e energia". Os convidados foram Marcelo Mendonça, do mestrado em Geografia do Câmpus Catalão, Enes Gonçalves Marra, da Escola de Engenharia Elétrica (EEE), Ina de Souza Nogueira, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), Rommel Bernardes da Costa, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos (EA), e Manuel Eduardo Ferreira, do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) e integra a equipe do Laboratório de Processamento de Imagens e Geoprocessamento (Lapig).

O Cerrado é o segundo maior bioma do país. Ocupando quase um quinto do território nacional, estendendo-se principalmente pelos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Distrito Federal, além de alcançar mais oito estados brasileiros. Durante a realização da mesa-redonda, os especialistas enfatizaram as riquezas e a diversidade do bioma, verdadeiro "mosaico" de formas de vida, vegetações e culturas. A grande preocupação demonstrada pelos entrevistados, no contexto atual do Cerrado, relaciona-se à degradação ambiental, sobretudo o desmatamento e a poluição dos mananciais hídricos, decorrentes da expansão agrícola e dos processos de urbanização. Para os integrantes da mesa-redonda, a academia e a comunidade devem se envolver com o tema, de modo a propor modelos produtivos que, em vez de destruir, preservem a biodiversidade.

Ética na pesquisa

Em outubro, após 113 dias de greve dos servidores técnico-administrativos, o **Jornal UFG** voltou a circular. A edição n. 48, de outubro, veiculou um debate sobre o universo científico: "Comitês de ética balizam o bem-estar na prática da pesquisa universitária", anunciava a mesa-redonda, nas páginas 6 e 7. Tornou-se cada vez mais comum, nas diversas instâncias acadêmicas, que sejam criados comitês de acompanhamento e avaliação dos processos investigativos, com o objetivo de definir deveres e assegurar direitos. Para tanto, no Brasil, a legislação vigente incorporou os princípios da bioética, que defendem a autonomia, a beneficência e a justiça.

Contribuíram para o conhecimento público sobre o assunto os professores João Batista de Souza, da Faculdade de Odontologia, e Divina Eterna Vieira Marques, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), respectivamente, coordenador e vice-coordenadora do Comitê de Ética da UFG, Ekaterina Akimovna Botovchenco Rivera, da Escola de Medicina Veterinária, coordenadora da Comissão de Ética no Uso de Animais na UFG e membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas, e Nivaldo dos Santos, da Faculdade de Direito, membro do Comitê de Ética Pública da UFG. Na oportunidade, foram especificadas as funções dos comitês de ética que integram a estrutura da universidade, contemplando o tratamento com humanos, animais e as investigações de modo geral.

Faculdade de Medicina

oferece mestrado profissional em Ensino na Saúde

Maria da Graça Gonçalves

Um passo importante na formação docente de profissionais da área de saúde foi dado recentemente pela Faculdade de Medicina (FM) da UFG, que agora oferece o programa de mestrado profissional em Ensino na Saúde, com sua primeira turma instituída em setembro de 2011. O público-alvo é composto exclusivamente de graduados em cursos superiores da área de Saúde, em exercício na rede pública.

O curso está sob a coordenação da professora Nilce Maria da Silva Campos Costa e terá a duração mínima de 18 meses e máxima de 24 meses, oferecendo três linhas de pesquisa: "Processos educativos no ensino em saúde", "Processos educativos no trabalho em saúde" e "Concepções e práticas na formação dos profissionais de saúde".

A primeira turma, composta por 20 alunos, selecionados entre mais de 70 candidatos, iniciou suas atividades em outubro. A Aula Inaugural foi ministrada pelo professor Nildo Oliveira Batista, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que abordou as características e os limites dessa nova modalidade de pós-graduação. Ele destacou ainda que o perfil do aluno é diferenciado porque dele se exige comprovada experiência na área de Saúde, e que, ao término da pós-graduação, ele se comprometa com a transformação de sua prática.

Para o professor Vardeli Alves de Moraes, diretor da FM, a implantação do mestrado profissional representa uma mudança, já que irá qualificar o profissional para o ensino específico em Saúde.

Divulgação

Ocorreu no Anfiteatro da Faculdade de Medicina Aula Inaugural do mestrado profissional ministrada pelo professor Nildo Batista, da Unifesp

Noite musical integra o calendário acadêmico

A noite da última terça-feira de cada mês destina-se à apresentação de um programa cultural de música erudita na Faculdade de Medicina (FM) da UFG. O qual já completa quatro anos consecutivos, em que a FM promove recitais ou concertos com músicos, instrumentos e repertórios diferentes, sempre no melhor estilo e com entrada franca. Trata-se do projeto "Medicina em Concerto", idealizado pela diretoria da faculdade para despertar e aprimorar o gosto pela música de qualidade na comunidade acadêmica e promover maior interação com a sociedade goianiense.

O local das apresentações é o Teatro Asklepiós da FM, que conta com 380 lugares, modernas instalações, ambiente climatizado e recursos acústicos de alta tecnologia. No início, em 2007, os expectadores eram poucos, mas o número foi crescendo a cada mês. Atualmente o "Medicina em Concerto" tem um público cativo de cerca de 120 pessoas, que são brindadas mensalmente com as mais variadas apresentações, como coro vocal ou voz solo, acompanhados ao piano ou violão, flauta, baixo e outros instrumentos, além de conjuntos de câmara e orquestra.

Por sua excelência, o "Medicina em Concerto" já se tornou referência no meio cultural goianiense. Sempre apoiando e valorizando os profissionais da música, o projeto constitui um importante espaço para os músicos locais, sejam da universidade ou das demais escolas de música da cidade. O "Medicina em Concerto" é fruto de parceria firmada por Consuelo Quireze e Heitor Rosa, respectivamente, docente da Escola de Música e Artes Cênicas (Emac) e ex-diretor da Faculdade de Medicina, em cuja gestão foi criado o projeto.

Em seu terceiro ano de existência, o projeto conquistou o Diploma de Destaque Cultural do Ano do Troféu Jaburu, a mais alta condecoração do estado de Goiás na área da cultura, pelo incentivo dado à música e às artes no meio acadêmico, sendo pioneiro nesse setor.

Para Consuelo Quireze, o "Medicina em Concerto" é uma ideia que deu certo, principalmente porque tem como cerne a música e "o instinto musical é inato em todos os povos e está presente em todo lugar, até na natureza, que, em sua essência, é musical". Quanto ao gênero destacado no projeto, música clássica, ou erudita, ela explica que ele se aplica a toda variedade musical de diferentes culturas e pode ser usado para indicar também qualquer criação musical que pertença às tradições folclóricas ou populares.

Carlos Siqueira

Recital em piano de cauda, com as pianistas Consuelo Quireze e Maria Lúcia Roriz, que marcou as comemorações do Jubileu da Faculdade de Medicina, em 2010, no Teatro Asklepiós

UFG participa de Caminhada pelo Combate ao AVC

Ligas Acadêmicas de Neurociências e de Emergências Clínicas da Faculdade de Medicina acompanharam a atividade, para orientar e alertar os participantes sobre os fatores de risco e sintomas da doença

Thalísia de Souza

Em 29 de outubro é celebrado o Dia Mundial do Acidente Vascular Cerebral (AVC). Vulgarmente conhecido como "derrame cerebral", o AVC é uma das principais causas de incapacitação física em adultos e de morte natural no Brasil.

Como parte da programação da Semana Nacional de Combate ao AVC, foi realizado, no dia 27 de outubro, na Faculdade de Medicina (FM) da Universidade Federal de Goiás (UFG), um simpósio sobre os riscos do AVC e cuidados na prevenção. O evento, aberto à participação de todos os interessados, foi ministrado pelo neurologista Luis Antônio Freitas Oliveira Júnior.

Outra atividade foi a Caminhada pelo Combate ao AVC, realizada em 29 de outubro. A promoção foi da Rede Brasil AVC com o apoio de diversas instituições, entre elas a UFG, a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), a Universidade Paulista (UNIP), o Serviço Social do Comércio (Sesc Goiás) e o Corpo de Bombeiros do Estado de Goiás, o Instituto Mover - ONG que utiliza palestras e outras atividades, como a caminhada, para orientar jovens, adultos e idosos acerca de doenças e acidentes que podem acarretar deficiência física.

Com o slogan "Um em cada seis", lançado em 2010 pela Organização Mundial do AVC (*World Stroke Organization*), a caminhada procurou chamar a atenção da população para a incidência da doença, cada vez mais comum: a cada seis segundos, independentemente da idade ou sexo, alguém, em algum lugar, morre em consequência de um AVC.

Centenas de pessoas reuniram-se no Parque Areião para a caminhada e também para tirar dúvidas sobre a doença com profissionais de Saúde. Além disso, realizaram exames clínicos básicos, como a aferição da pressão arterial, teste de glicemia, índice de massa corporal (IMC) e medição da circunferência abdominal, importantes para a prevenção de AVC. O Corpo de Bombeiros fez uma demonstração de atendimento à vítima de derrame cerebral, desde o momento em que os bombeiros são acionados até a chegada do paciente à unidade de atendimento hospitalar.

Quando não mata, o AVC deixa sequelas permanentes. Cerca de 70% das vítimas não fatais jamais retornam ao trabalho e 50% delas vivem na completa dependência de outra pessoa, normalmente restritos a uma cama, usando fraldas, incapazes de andar, tomar banho ou de se alimentar sozinhos.

Fatores de risco – As ligas acadêmicas de Neurociências e de Emergências Clínicas da Faculdade de Medicina da UFG participaram do evento, orientando o público e alertando para o controle dos principais fatores de risco associados ao AVC, como diabetes, hipertensão arterial sistêmica (pressão alta), altos níveis de colesterol, obesidade, sedentarismo, consumo excessivo de álcool, tabagismo e alimentação inadequada. Herança genética e histórico familiar de doenças cardiovasculares também aumentam as possibilidades de um acidente vascular cerebral.

Diretor de extensão da Liga do Diabetes e acadêmico do segundo ano de Medicina da UFG, Bruno Pellaquim Barros disse que o trabalho da liga foi chamar a atenção das pessoas para a relação entre diabetes e AVC. "O diabetes provoca o aumento dos níveis de glicose no sangue, levando à ocorrência de microlesões vasculares, que provocam o AVC", explicou Barros.

Para evitar a doença, as pessoas devem praticar exercícios físicos e seguir uma dieta alimentar saudável. Sólon Moreira Nery, 79 anos, conhece a importância dessas recomendações.Há dois anos, ele teve uma isquemia - redução localizada do fluxo sanguíneo ao cérebro, devido a obstrução arterial -, que deixou como sequela uma parte de sua boca paralizada. Hoje, ele faz caminhada no Parque Areião e, há três meses, começou a ir para a academia com a esposa. Alírio José Pereira, 72, também pratica corridas e caminhadas, participando de competições estaduais e municipais. Embora não soubesse da importância de se fazer exercícios físicos para prevenir o AVC, aprovou a iniciativa: "Eu não conhecia os sintomas do AVC. Por isso, gostei muito desse trabalho dos profissionais nos orientando", ressaltou.

Fotos: Carlos Siqueira

Exames clínicos básicos foram realizados nos presentes

A Caminhada pelo Combate ao AVC contou com expressivo número de participantes

Saiba mais sobre o AVC

O acidente vascular cerebral é consequência da alteração do fluxo de sangue no cérebro, o que provoca a morte de células nervosas da região cerebral atingida. Pode se originar de uma obstrução dos vasos sanguíneos, o chamado acidente vascular isquêmico, ou de uma ruptura dos vasos, conhecido por acidente vascular hemorrágico.

Muito importante para evitar sequelas graves é o diagnóstico precoce e o atendimento e tratamento corretos. Por essa razão, a semana foi uma tentativa dos médicos de levar ao conhecimento da população os principais sintomas do AVC. "Quanto mais rápido for o atendimento ao paciente, maiores são as chances de sua recuperação e de manter sua qualidade de vida", alertou o neurologista Sandoval Inácio Carneiro, presidente da Sociedade Goiana de Neurocirurgia.

De acordo com o especialista, os primeiros sinais do AVC isquêmico são a perda de visão, da fala ou dificuldades para se comunicar e compreender o que os outros dizem; tontura; fraqueza ou dormência da face, de braços ou pernas em um dos lados do corpo. O AVC hemorrágico é acompanhado, por sua vez, de dor de cabeça intensa, náuseas, vômitos, confusão mental, perda do equilíbrio, da coordenação motora e da consciência.

Primeiros socorros – Os primeiros socorros são fundamentais para a sobrevivência do paciente. Uma das terapias mais eficazes é a trombólise, realizada com medicamentos chamados trombolíticos, capazes de dissolver coágulos e restaurar o fluxo sanguíneo para o cérebro. O trombolítico rt-PA, também chamado alteplase, quando ministrado até três horas do início dos sintomas, aumenta muito as chances de recuperação do paciente de AVC isquêmico. "Um paciente que sofrer uma lesão isquêmica e receber o medicamento em até três horas consegue reverter completamente o déficit neurológico e ficará internado por um curto período de tempo (de 3 a 5 dias), a um custo de aproximadamente R$ 600. Porém, quando o paciente fica com sequelas graves, o período de internação pode chegar a mais de um mês, gerando um custo de R$ 32 mil", explicou Sandoval Carneiro.

Apesar disso, o neurologista afirmou que a maioria dos hospitais de Goiânia não está preparada para atender uma vítima de AVC, pois não dispõe do medicamento. Até o 2010, somente dois hospitais da rede particular de Goiânia ofereciam a medicação. A Sociedade Goiana de Neurocirurgia tem buscado, juntamente com as Secretarias de Saúde de Goiás e de Goiânia, estruturar no Hospital Geral de Goiânia (HGG) um serviço de atendimento especializado aos pacientes de AVC. Enquanto isso, declarou o médico, os custos com o tratamento de sequelas e complicações da doença continuam crescendo e pacientes morrendo por falta de tratamento adequado.

Um tributo ao mestre

36º Festival Nacional de Música da Emac faz homenagem ao músico e compositor Estércio Marquez Cunha, professor que marcou a trajetória de educadores e educandos de Música na UFG

Marina Celestino

Um dos pioneiros no ensino musical superior no estado de Goiás, o músico e compositor Estércio Marquez Cunha tem presença e responsabilidade marcantes na história da Escola de Músicas e Artes Cênicas (Emac) da UFG. Nascido no município de Goiatuba, é doutor em Artes Musicais (Composição) pela *Oklahoma University*, nos Estados Unidos, e ingressou como professor da Emac no primeiro concurso aberto para a unidade acadêmica, em 1967. Ao longo de sua carreira de professor da universidade, lecionou 28 anos as disciplinas "História da Música", "Apreciação Musical", "Piano", entre outras envolvendo composição. Além disso, lecionou por certo tempo nos cursos de Rádio e TV e Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb).

Pelo tempo que integrou a comunidade acadêmica da UFG, de 1967 a 1995, e pelo conjunto de sua obra como músico e compositor, reconhecida dentro e fora do país, Estércio Marquez Cunha foi o homenageado da edição de 2011 do Festival Nacional de Música da EMAC. De acordo com a diretora da unidade acadêmica, Ana Guiomar Rêgo Souza, há cerca de 10 anos que o festival vem sendo temático, com os temas sempre ligados à música brasileira, fazendo homenagem a um compositor. Ela explicou que a ideia da homenagem foi amplamente apoiada por docentes e estudantes. "Estércio está completando 70 anos e ainda estamos no ano de comemoração dos 50 anos da UFG. Este ano verificamos que houve um interesse muito grande de alunos e professores em pesquisar sua obra e pareceu um passo óbvio a homenagem a este compositor goiano, que tem projeção nacional e internacional", disse a diretora.

Pessoa respeitada e extremamente carismática, o professor Estércio, juntamente com sua obra artística, tem, até hoje, grande presença no ambiente da EMAC. Segundo Carlos Henrique Costa, presidente da organização do evento e também professor da casa, ele exerce grande representação como mestre no meio acadêmico, principalmente na EMAC, onde muitos dos docentes que lecionam hoje foram seus alunos no passado. "O professor Estércio foi o primeiro catedrático do curso de Composição da nossa universidade, tendo sido professor de composição aqui praticamente desde a fundação do curso. Ele é um grande mestre e os professores de hoje que passaram por ele sentem uma admiração e um respeito muito grandes", esclareceu ele.

Além de professor muito estimado e frequentemente lembrado, Estércio Marquez Cunha é autor de um vasto repertório de composições. Suas obras vão de peças para instrumentos solo a orquestras e coros, passando por música para teatro, trilhas sonoras para filmes de curta-metragem e formações de música de câmara. Como homenageado do festival, suas obras foram executadas durante os recitais e minicursos, por professores e estudantes participantes. Presente em todas as atividades oferecidas durante os seis dias do evento, o professor Estércio disse estar lisonjeado com a escolha de seu nome para a homenagem. "É uma representação nossa, da escola. Acho isso muito importante principalmente por ser uma celebração de música. Acredito que o principal não está em homenagear um compositor conhecido, mas em relembrar e divulgar sua obra e composição, seu trabalho e como ele se relaciona com a comunidade", afirmou ele.

Como professor, Estércio Marquez Cunha fez parte da concepção do Festival Nacional de Música da Emac, em suas primeiras edições. Relembrando essa época, ele contou que percebe uma clara evolução do festival ao longo dos anos, com a manutenção de seu ideal inicial. "Vejo que a ideia inicial foi mantida ao longo dos anos, a de trazer pessoas renomadas da área aqui para Goiânia. Esse ano, praticamente todos os professores convidados vieram de fora do Brasil, trazendo e proporcionando outras experiências. Não é uma desvalorização do nosso, mas uma oportunidade de trocas de conhecimento com profissionais que vêm de outros lugares", disse ele.

O professor ministrou dois minicursos durante o festival, "Composição" e "Técnicas Composicionais", e confirmou estar impressionado com a qualidade da atual geração de estudantes da Emac. "O evento é de altíssimo nível e o que tenho visto nas classes, ao longo desses dias todos, é uma coisa fantástica. Os recitais e apresentações vêm surpreendendo a todos, pelo seu nível e técnica, demonstrando a alta qualidade da Emac. Nós, que somos da casa, ficamos realmente orgulhosos", declarou ele. Foi lançado, também, o livro *Músicas para violino: música de câmara com teclado*, de autoria do homenageado.

Sobre a importância de trazer Estércio Marquez Cunha novamente ao ambiente da Emac, a diretora da unidade disse acreditar ser esta uma chance única para os estudantes. "Trazê-lo e trazer sua obra para o festival é uma oportunidade para que estudantes dessas últimas gerações, que já não tiveram um contato tão estreito com ele, possam conhecer mais sobre essa figura ainda tão presente em nosso ambiente escolar", afirmou ela. Mesmo não convivendo com a atual geração de estudantes da Emac, ele continua sendo um nome lembrado. Sua obra tem sido constantemente escolhida como tema de monografias e dissertações de mestrado.

Para os alunos, ter a presença de um mestre de tamanho crédito para a história da escola em que estudam é de grande valia, proporcionando uma oportunidade de experiência e aprendizado que não poderia ser alcançada somente na sala de aula.

Carlos Siqueira

O Brasil no mapa mundial

Especialistas comentam a situação do país nestes tempos de crise econômica mundial, rearranjos políticos e integração intercontinental

Patrícia da Veiga

No mapa geopolítico do mundo desenham-se territórios que não são fixos. A definição de seus limites depende de fatores como a economia, as dinâmicas de integração, as migrações e os conflitos. As políticas interna e externa adotadas pelas nações, por sua vez, também têm implicações nesse mapa, podendo levar ao seu reordenamento. Na contemporaneidade, o contexto é de crise estrutural do sistema capitalista e consequente tentativa, entre os países, de "recuperação" de riquezas ou "divisas". Nesse cenário, podem ser estimulados tanto os esforços de cooperação como os empreendimentos de guerra. Seria possível, assim, identificar como tem se movimentado o Brasil no globo terrestre?

Inspirou esse questionamento a mesa-redonda "O Brasil no cenário geopolítico mundial contemporâneo", realizada na UFG em outubro de 2011, como parte da programação do XI Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Enanpege). Cláudio Antônio Gonçalves Egler, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comentou o contexto de crise estrutural, definindo que o mundo vive atualmente a "era da instabilidade". Para o pesquisador, o sistema produtivo hegemônico, baseado na especulação da propriedade, está estagnado, tendo em vista que os mecanismos reguladores da economia são ineficazes. "Foi criada uma loteria de fundo falso", opinou. Somam-se a isso, conforme a explicação de Cláudio Egler, a "imprevisibilidade climática, os eventos meteorológicos extremos e as catástrofes", justificativa para estratégias de dominação e rearranjos territoriais.

No caso do Brasil e da América Latina, o professor aponta que tal situação de instabilidade pode vir a representar uma "transição", redefinindo fronteiras a partir da integração. "Estamos assumindo setores de ponta na exploração do gás e do petróleo. Isso pode ser uma saída para a crise. É necessário, contudo, corrigir assimetrias de território, população e economia", destacou. Cláudio Egler defendeu que o país seja "regionalista" e reformule, inicialmente, suas próprias "disparidades inter-regionais".

Menos otimista, o professor André Roberto Martins, da Universidade de São Paulo (USP), também esteve presente na mesa-redonda do Enanpege. Ele disse considerar fragilidades brasileiras, em termos geopolíticos, a ambiguidade do pensamento ideológico tornado público para o mundo, que não consegue apoiar e sequer se contrapor ao bolivarianismo da Venezuela, e a falta de investimento em equipamentos, tecnologia e armamento. Para ele, a política internacional do país emprega "argumentos desencontrados", que prejudicam uma expansão de fato. "São abstratas, por exemplo, as ideias de 'liderança natural' do Brasil perante os demais países do continente e de que, por isso, a integração é inevitável", ponderou. A proposta de André Martins passou pelo "meridionalismo", ou seja, pela "defesa da soberania do Sul", com o fortalecimento das relações entre os países que compõem o Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) e o estabelecimento de outras formas de cooperação. "Há que se criar o desafio de um sistema de segurança articulado, na forma de um Conselho de Defesa do Sul", pronunciou. O professor defendeu também o investimento em ferrovias integradas na América Latina e, quiçá, a construção de uma "base industrial de defesa". "Vivemos em um país cobiçado e desarmado, às vésperas de uma possível terceira guerra mundial", declarou.

Romualdo Pessoa, historiador e professor do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), em entrevista à reportagem do **Jornal UFG** (cuja íntegra pode ser conferida no **Jornal UFG On-line** desta edição), emitiu opinião semelhante à de André Martins, no que concerne a uma indústria bélica local, destacando que isso não faria do Brasil um país imperialista. "O imperialismo se caracteriza pela exportação de capitais e pela postura assumida de controlar a produção de outros países. Não é o que se faz. O Brasil estabelece parcerias importantes na América Latina, envolvendo Bolivia, Peru, Chile, Argentina, Uruguai", explicou, conciliando a geopolítica com a economia.

Avanço ou dependência – O professor deu destaque à polêmica função que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) desempenha na América Latina, financiando obras como as rodovias bolivianas Beni-Chochabamba e Villa Tunari-San Ignácio de Moxos. Esta foi alvo recente de protestos de ativistas em defesa dos povos tradicionais, diretamente afetados com a divisão de suas terras. "A questão não foi bem tratada, porque o problema não foi a existência de um projeto de rodovia, mas sim que essa estrada passaria pela reserva indígena", especificou. Para Romualdo, o que se deve levar em conta é a ação de abrir fluxos de escoamento da produção entre as fronteiras do Sul, rumo ao Oriente e ao Oceano Pacífico. De acordo com o professor, essa é uma estratégia de integração que pode representar desenvolvimento e autonomia produtiva para a região.

Menos esperançoso quanto à independência econômica do país demonstrou ser Plínio de Arruda Sampaio Júnior, do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que ministrou palestra na Faculdade de Educação, no mês de setembro. Convidado pelo Sindicato Nacional dos Docentes (Andes) e pelo Centro Popular de Estudos Contemporâneos (Cepec), Plínio Sampaio Júnior apresentou seu conceito de "reversão neocolonial" (confira na edição n. 48 do **Jornal UFG**, p. 3), considerando que o Brasil, no contexto atual de crise estrutural, estaria caminhando rumo a um aprofundamento da dependência econômica, política e cultural dos países do Norte e dos organismos multilaterais, cumprindo acordos estabelecidos, sobretudo pelos bancos e pela divisão internacional do trabalho. "A crise acelera essa reversão. Nossa economia cada vez mais se distancia de uma economia nacional e se aproxima de uma economia colonial, que prioriza o agronegócio, a produção em larga escala, a monocultura, degrada o meio ambiente e produz riqueza para o exterior", encerrou.

Reuben Lago

Veja outros trechos dessa cobertura em: www.jornalufgonline.ufg.br

Pós-graduação em Ciências da Saúde assiste minorias étnicas do Cerrado

Projeto reúne equipe que leva tratamento de doenças mentais a aldeias dos Karajá e comunidades quilombolas

Raniê Solarevisky

Dados da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), relativos ao ano de 2010, indicam que 23 milhões de brasileiros – cerca de 12% da população – necessitam de algum tipo de atendimento em saúde mental e outros 3% sofrem com problemas mentais graves ou recorrentes. O número é alto, mas inclui segmentos da população que sempre terminam esquecidos, quando se trata de distúrbios dessa natureza: indígenas e quilombolas. A fim de apresentar a realidade do diagnóstico e tratamento das enfermidades nessas populações, os professores Leonardo Caixeta (Faculdade de Medicina da UFG) e Paulo Verlaine Borges (Departamento de Medicina da PUC-GO) ministraram o minicurso "Saúde Mental em Minorias Étnicas Isoladas", na 63ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC, realizada em julho de 2011 em Goiânia, na UFG.

Os professores expressam dúvidas em relação aos números da ABP. "A estimativa de 12% parece-nos subestimada, uma vez que a própria Organização Mundial de Saúde aponta para uma prevalência estimada de problemas mentais na população geral em torno de 25%. Considerando que 12% já é uma taxa elevada, o que dizer quanto a 25% – um em cada quatro seres humanos?", comenta o professor Paulo Borges.

O número foi obtido com base no conceito de doença mental. De acordo com ele, alterações no funcionamento neuropsíquico têm causas genéticas e hereditárias, em sua grande maioria. Mas também podem originar-se de acidentes ou condições que geraram danos ao sistema nervoso central, como traumatismos cranianos ou encefálicos, meningites, encefalites ou intoxicações. "Essas alterações causam mudanças em vários níveis das funções psíquicas do indivíduo, como nas emoções, nas funções cognitivas, nos comportamentos. Mudanças que, por sua vez, comprometem o desempenho em um ou em vários níveis de funcionamento, na área acadêmica, profissional, nos relacionamentos familiar e/ou social e na autoestima. Precisam, portanto, de intervenção médica, como qualquer outro problema de saúde", explica Paulo Borges.

Os dois professores coordenam a linha de pesquisa em Psiquiatria Transcultural e Etnopsiquiatria, ligada ao programa de pós-graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da UFG. A pesquisa tomou como base populações indígenas da etnia Karajá e grupos de quilombolas do noroeste do estado. Nesses grupos, a maioria dos distúrbios está associada ao consumo de bebidas alcoólicas e a transtornos chamados de "disruptivos de comportamento" - . "Indígenas apresentam mais problemas psiquiátricos associados ao uso de substâncias químicas que causam dependência. Quilombolas apresentam mais distúrbios paranoides. Ambos apresentam muitos transtornos do humor ou afetivos e transtornos de déficit de atenção, com ou sem hiperatividade", afirma o professor Leonardo Caixeta.

Já o grande número de casamentos consanguíneos nessas etnias aumenta os riscos de problemas genéticos. Para o professor Paulo Borges, "pouco poderia ser feito quanto a isso, uma vez que, observado o pequeno número de membros desses grupos, fica improvável evitar casamentos entre aparentados. Mesmo que isso pudesse ser feito, ainda assim a ocorrência de problemas de base constitucional (genético-hereditários) se manteria com presença importante, em torno de 20%, como nas várias populações e culturas ao redor do mundo". Entre outros elementos geradores de distúrbios, há "a precariedade na assistência pré-, peri- e pós-natal; alimentação inadequada (que ocasiona estados de carências nutricionais), o livre acesso a bebidas alcoólicas e a drogas ilícitas, o precário acesso ao suporte na saúde pública e a dificuldade em obter um atendimento médico adequado aos seus contextos socioculturais", reitera Paulo Borges.

Rosani Leitão / Acervo Iphan-GO

O grande número de casamentos consanguíneos nas aldeias índigenas aumenta o riso de problemas genéticos

> **"Organização Mundial de Saúde aponta para uma prevalência estimada de problemas mentais na população geral em torno de 25%"**

Manuel Filho / Acervo Iphan-GO

Cerâmica Karajá (Aruanã-GO) representando o Hiré (gavião)

A coleta de dados e o monitoramento dos casos patógenos são feitos de forma simples e regular

Fotos: Divulgação

Assistência

As soluções dependem de políticas públicas de controle e prevenção de doenças. "O grupo étnico dos indígenas Karajá está sendo dizimado silenciosamente por doenças psiquiátricas, principalmente o alcoolismo (considerado a nova 'tuberculose indígena') e outras formas de dependência química. Mas eles também enfrentam altas taxas de suicídio, motivadas pela doença afetiva bipolar", afirma Leonardo Caixeta.

O agravante é que nenhuma dessas doenças está contemplada por políticas de prevenção ou tratamento da entidade responsável pela saúde indígena do Distrito Sanitário Araguaia, a Fundação Nacional da Saúde (Funasa). "Tentamos por diversas vezes oferecer o auxílio técnico (gratuito) da UFG para abordagem da problemática da saúde psiquiátrica tão delicada desse grupo, mas a entidade foi enfática ao recusar a oferta, parecendo preferir a tragédia anunciada, que se associa aos altíssimos índices de morbimortalidade dessas doenças psiquiátricas. As autoridades responsáveis parecem desconhecer que doença psiquiátrica também mata", completa Leonardo Caixeta.

Os órgãos do Estado só podem tomar qualquer medida baseados em dados e pesquisas que comprovem a existência de um problema. Somente com essa condição eles podem desenvolver estratégias e planos de forma a encontrar soluções. "Daí a importância de pesquisas como as desenvolvidas pelo nosso grupo, eminentemente a respeito dos aspectos epidemiológicos e fenomenológicos dos transtornos mentais nessas etnias minoritárias", afirma Paulo Borges.

No caso dos Karajá, para conseguir contato com a população, os professores tiveram de obter autorização da Fundação Nacional do Índio, (Funai), da Funasa, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) e da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso. O processo demorou quase dois anos e só após a aprovação dos caciques da região o trabalho pode prosseguir. "Depois de conseguir a liberação, o acesso às aldeias passou a depender de inúmeros fatores, como o tempo – geralmente chuvoso – e recursos financeiros que, apesar de garantidos, eram liberados de forma errática. Além disso, havia as limitações impostas pelo respeito ao calendário de festividades e de rituais dos indígenas e pela disponibilidade de acesso ao principal meio de transporte, que eram pequenos barcos a motor, chamados pelos locais de voadeiras", relata Paulo Borges. Os professores passaram dois anos realizando visitas a essas comunidades, somando cerca de 60 dias em terras indígenas.

A ideia de que a assitência oferecida pelos médicos seria uma ofensa aos costumes e tradições indígenas não procede. "Obviamente, a entrada do médico psiquiatra e da equipe de saúde no universo cultural particularíssimo dos Karajá, como de qualquer outra cultura minoritária, deve vir acompanhada de extensa preparação na arte e na técnica de interagir com esses povos. Essa formação especial implica o respeito às crenças, à singularidade cultural e o entendimento dos percursos terapêuticos tradicionalmente seguidos diante de problemas psiquiátricos, bem como a inclusão, sempre que possível, dos agentes tradicionalmente vinculados ao seu ritual curandeiro, na conduta terapêutica a ser adotada pelo médico psiquiatra", explica Leonardo Caixeta. A tática adotada pela equipe foi a de posicionar as ações terapêuticas como sendo complementares às práticas ritualísticas do pajé, sem negar sua autoridade ou questionar a legitimidade de suas abordagens.

O grupo é formado por mais de 20 profissionais, como médicos, enfermeiros, antropólogos, pedagogos e farmacêuticos. Estudantes, como Daniela Londe Rabelo, na época, formanda em Medicina pela PUC-GO, também participaram do projeto. "Ajudei na coleta de dados. O momento do diagnóstico foi o mais enriquecedor, já que, sem um conhecimento clínico, uma cultura diferente da nossa faz-nos desconsiderar ou acrescentar diagnósticos. Um comportamento que é tido como natural pelos indígenas pode ser tomado, erroneamente, como um caso clínico por nós", relata.

A conclusão é de que a ajuda oferecida pelo projeto é fundamental para o diagnóstico do problema e sua divulgação nos órgãos públicos, o que pode fomentar politcas de prevenção e tratamento. "É um mito, reconhecido pelos próprios antropólogos, a ideia de que um povo permaneça indefinidamente isolado. 'Contato' não significa necessariamente instituir uma relação hierárquica de domínio do suposto 'civilizado' sobre o suposto 'selvagem', como ocorria no passado. O contato médico se baseia numa doutrina de amor pelo nosso próximo desassistido e ameaçado e pode representar uma tentativa de correção dos desvios proporcionados por outros contatos, criados com base em uma relação que almeja o lucro, por exemplo, o caso do não-indígena que vende bebidas alcoólicas aos indígenas", ressalta Leonardo Caixeta.

A hora certa de fazer um empréstimo

Empréstimos consignados oferecem taxas de juros menores, mas outros fatores devem ser considerados antes de se contratar o serviço

Pollyana Reis

Geralmente, o sonho de ter uma casa própria, um computador, um carro, ou a necessidade de acertar dívidas antigas, são os motivos que levam as pessoas a fazerem empréstimos. Aos servidores públicos e aposentados os bancos oferecem o crédito consignado, uma modalidade de empréstimo pessoal na qual o pagamento das parcelas é feito por desconto direto na folha de pagamento.

De acordo com o professor Dnilson Dias, coordenador do curso de Economia da Universidade Federal de Goiás (UFG), o que torna essa modalidade vantajosa são as taxas de juros mais baixas, se comprovadas a outras variantes de crédito ao cliente. O acordo entre a instituição pagadora e o banco garante que o risco de inadimplência seria menor, portanto os juros também o são. "O juro é a remuneração pelo risco", afirmou o professor.

Dona Maria Barros, aposentada, já contratou por duas vezes o crédito consignado. O primeiro foi para pagar um tratamento dentário, cujos custos, segundo ela, não seriam totalmente cobertos pelo plano de saúde. Já na segunda vez, a aposentada recorreu ao consignado para viajar. Ela acrescentou que essa modalidade foi vantajosa porque não demorou para ser aprovada e o valor das parcelas não ficou muito alto.

Dnilson Dias salientou que o empréstimo é indicado para aquisição de bens duráveis ou em casos de despesas inesperadas com saúde, não sendo aconselhável seu uso para compras de bens supérfluos. "O valor do empréstimo não deve atrapalhar seu orçamento geral, ou seja, que não dificulte as outras aquisições que você precisa fazer. Principalmente se as suas despesas fixas são elevadas, porque gastos transitórios sempre aparecem", aconselhou o professor.

O servidor público Milton Queiroz precisou de um empréstimo para quitar algumas dívidas de cartões de créditos, o que, para Dnilson Dias, é uma boa decisão, pois os juros cobrados pelas operadoras de cartões são consideravelmente mais elevados que os juros do consignado. Além disso, as parcelas do consignado são fixas, o que auxilia o controle da dívida.

Atenção – Porém, alguns fatores devem ser considerados na hora de procurar empréstimos bancários. Os clientes, especialmente servidores públicos e aposentados, para quem a oferta de crédito é maior, devem verificar se o dinheiro extra é realmente necessário, além de prestar muita atenção a critérios como taxas de juros mensais e total, prazos, taxas bancárias e demais condições de cada empréstimo. O professor Dnilson Dias explicou que não sendo possível evitar o empréstimo, o aconselhável é fazê-lo com o menor número possível de parcelas, em um valor que não prejudique o orçamento doméstico.

Milton Queiroz afirmou que o consignado está ajudando a controlar sua situação financeira, mas que, com o fim das parcelas, não deseja mais se envolver com qualquer tipo de empréstimo. Dnilson Dias lembrou que o ideal é não precisar recorrer a essa forma de crédito. Para tanto, seria necessário que o cidadão conseguisse poupar ao menos 20% do salário todo mês para qualquer emergência ou planos futuros. Reconheceu, porém, que nem sempre o ideal é possível.

Na opinião do professor, o cliente deve ficar atento para que o empréstimo não comprometa 30% da sua renda total, a não ser quando o empréstimo for destinado à aquisição da casa própria. Caso os bancos e as demais instituições financeiras liberem crédito acima desse valor, estão agindo de forma ilegal.

UFG Universidade Saudável
Compromisso de todos
CERTIFICADO

O mosquito da Dengue
não precisa de muito para nascer.

E você precisa de menos ainda para evitar que isso aconteça.

Prevenir é fácil.
Veja como:

- Deposite, na lixeira, todo objeto que possa acumular água, como embalagens usadas, potes, latas, copos, garrafas vazias etc.
- Mantenha caixas d'água, cisternas e outros depósitos de água sempre bem fechados, com a tampa adequada, para impedir a entrada do mosquito.
- Troque diariamente a água dos bebedouros de animais e aves e limpe-os com escova ou bucha.
- Preencha os pratos dos vasos de plantas com areia.
- Evite a formação de poças d'água em depressões de terrenos e buracos nos pisos. Preencha-os com areia ou pó de pedra.

GOIÁS DENGUE | SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DE GOIÁS | Estado de Goiás | SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE | Prefeitura Goiânia | PUC GOIÁS | UFG 80 CONHECIMENTO SEMPRE PRESENTE

Do outro lado da linha

Desconhecidas e pouco visíveis no cotidiano da universidade, as telefonistas são responsáveis pelo trabalho de possibilitar a comunicação na instituição

Tiago Gebrim

Existem pessoas que gostam de atender telefone, outras nem tanto. Há quem tire o aparelho do gancho na hora de dormir, para não ser incomodado durante o sono, e há os que levam o telefone sem fio para a mesa de cabeceira. Porém, como será passar boa parte da vida atendendo telefones, todos os dias? Essa é a rotina das telefonistas, profissionais que trabalham repassando informações a incontáveis usuários que ligam a todo momento. Afinal, em qualquer empresa ou instituição, o serviço de telefonia constitui uma das portas de entrada, e nem sempre tem o reconhecimento devido.

A UFG tem um serviço central de telefonia, abrigado em um pequeno edifício térreo no Câmpus Samambaia, próximo ao Restaurante Universitário. Essa construção passa desapercebida de quase todos os que transitam na área, assim como os prédios semelhantes ao redor e também as suas respectivas funções. Foi nesse recinto que trabalhou, durante seis anos, a telefonista e secretária Rosenei Maria Machado. Sozinha, diante de três ramais telefônicos, ela passava de segunda à sexta-feira, das 7h às 17h, cuidando do telefone número um da universidade, o 3521-1000. "Ligavam pessoas de todo tipo, educadas, mal-educadas, bem-humoradas", lembra ela, que há três anos foi transferida da telefonia para o Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef), órgão em que o ambiente e seu trabalho, como secretária, são muito diferentes. Lá, Rosenei tem colegas de trabalho e, segundo ela, uma rotina menos maçante, sem um telefone "incansável" sob sua responsabilidade. Incansável porque, conforme explica, às vezes sequer seu horário de almoço, das 11h às 12h, era respeitado, porque o telefone não permitia, já que não havia ninguém para substituí-la no período.

Entre os casos de profissão, Rosenei se lembra da ocasião em que uma professora da universidade ligou para ela para desabafar e chorar a morte de seu cão. No dia a dia, entretanto, o mais frequente era ter de explicar, por telefone, como localizar este ou aquele prédio dentro do câmpus. Especialmente na época dos vestibulares, as ligações concentravam-se em pedidos de informações por estudantes de ensino médio. "Eu sabia quase todos os telefones de cor, as referências para os locais dos prédios e conhecia várias pessoas, mesmo sem tê-las visto pessoalmente", conta ela.

Hospital das Clínicas – O Hospital das Clínicas da universidade (HC) tem um serviço de telefonia próprio, que todos os dias recebe ligações de pessoas em busca de informações sobre exames, serviços, marcação de consultas, especialistas, médicos e também sobre as centenas de servidores que ali trabalham. Para cuidar dessa enorme demanda o hospital conta com três telefonistas, duas trabalhando pela manhã e outra, à tarde. Em entrevista ao Jornal UFG, a telefonista Elione Carvalho Pimenta falou sobre o cotidiano do trabalho.

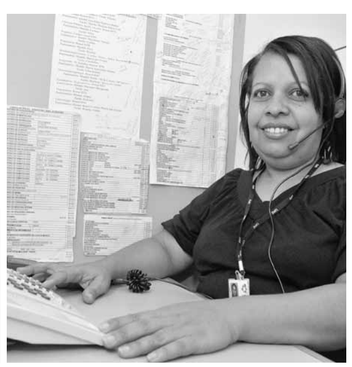
Elione entrou para a universidade em uma época em que o ingresso no cargo de telefonista, assim como em muitos outros, era feito por concurso público. Concursada, portanto, ela exerce a função há 29 anos, sempre no HC. Natural de Goiânia, risonha e bem disposta, ela conta como o serviço de telefonia do HC acaba funcionando como centro de informações. "Damos muita informação aqui que não tem nada a ver com as nossas atribuições." De acordo com ela, muitas pessoas têm ligado até mesmo para pedir telefones de outros estabelecimentos, em vez de ligarem para o serviço 102.

Antes, no tempo em que todas as ligações para os ramais tinham de passar pelas telefonistas, a profissional afirma que havia congestionamento das linhas, e, muitas vezes, receberam queixas de superiores, questionando o serviço. "Eles viram depois que a culpa não era nossa, realmente eram muitas ligações simultâneas e acabava dando alguma pane", lembra Elione. Esse problema foi resolvido depois da implantação do sistema de discagem direta a ramal (DDR), que encaminha a ligação automaticamente para o telefone a que se destina.

Ainda assim, o telefone toca muito – fato que a reportagem pôde comprovar durante a entrevista. Elione salienta que, às vezes, não há tempo sequer para ir ao banheiro. "Os usuários têm ficado muito exigentes. Só falta quererem consulta médica por telefone", conta ela ao se referir ao embate quase diário, quando alguém liga querendo agendar exame. "Esse serviço não é feito por telefone aqui no HC, mas essa informação quase nunca é repassada aos pacientes e acabamos ficando como culpadas, na opinião deles". Outra causa frequente de atrito, aponta Elione Machado, é quando pacientes ligam para tentar "decifrar" a escrita dos médicos por telefone. "Eles querem que saibamos o que está escrito, por meio de indicações vagas como o nome do médico ou sua especialidade".

As telefonistas do HC estão acomodadas em uma saleta minúscula, com cerca de dois metros quadrados de área total, dentro da seção de manutenção do hospital. Há caldeiras próximas, além de barulho excessivo, como o de serra ou solda, por exemplo. A sala das telefonistas é contígua à da coordenação do serviço telefônico, o que facilita a vida, de acordo com Elione, pois é fácil recorrer à ajuda superior em caso de problema com o equipamento ou mesmo para uma informação. Contudo, nem ela nem suas colegas de trabalho estão satisfeitas com a localização. "O setor de telefonia ficava no corredor da diretoria do HC, dentro do hospital de fato. Alegando que precisavam de espaço, eles nos mandaram para cá, como local provisório. Mas esse provisório já soma um ano", conta Elione.

Fotos: Carlos Siqueira



Rosenei Machado (Câmpus II) e Divina Romano (HC) são telefonistas na UFG

Retrospectiva UFG

O *Jornal UFG* destaca alguns fatos registrados que fizeram a história da instituição em 2011. Por meio deles, evidencia-se a atuação da UFG nos diversos campos do saber, da pesquisa e da extensão

Reitor da UFG presidiu a Andifes

O reitor da UFG Edward Madureira Brasil cumpriu mandato de um ano (junho/2010 a junho/2011) como presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Motivado pelo entendimento de que a Andifes é uma grande entidade representativa e que, em virtude da sua capilaridade, pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento do país, Edward Madureira elegeu como priordade, durante a sua gestão, questões relacionadas à autonomia universitária em alguns dos seus desdobramentos, como a relação com as fundações de apoio à pesquisa e a contratação de servidores técnico-administrativos por meio do quadro de referência de técnicos equivalentes. Edward Madureira transferiu a presidência da Andifes para o reitor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), João Luiz Martins, em 13 de julho de 2011, durante a 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizada em Goiânia. No ato solene, recomendou ao novo presidente que desse continuidade ao trabalho de consolidação da RedeIfes, a qual integra as universidades federais por meio de suas produções audiovisuais.

Fotos: Carlos Siqueira

Edward Brasil passa o cargo de presidente da Andifes a João Luiz Martins

Autoridades em visita a área compossibilidade de sediar o Câmpus Aparecida de Goiânia

UFG terá mais dois câmpus

A criação de mais dois câmpus da UFG foi anunciada pela presidente Dilma Rousseff, em 16 de agosto. como parte do Plano Nacional de Expansão da Rede Federal de Educação. Os câmpus serão implantados nos municípios de Aparecida de Goiânia, em Goiás, e Cidade Ocidental, no Distrito Federal. No mês de outubro, o reitor Edward Madureira Brasil, acompanhado de membros da Comissão de Estudos de Implantação dos referidos câmpus e dos prefeitos dos respectivos municípios, fez visita técnica aos locais com grandes chances de receberem as edificações. De acordo com Edward Madureira, na escolha definitiva das áreas, está sendo observado o potencial de crescimento que elas oferecem, já que a construção de um novo câmpus é um investimento a longo prazo.

Centro de referência antidroga

A UFG dá mostras de sua sintonia com os problemas sociais em diversas ações. Uma delas foi a criação do Centro Regional de Referência para Formação Permanente sobre Drogas (CRR-UFG), em solenidade realizada no dia 11 de agosto, na Faculdade de Odontologia. Fruto da parceria entre a UFG e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad), o CRR-UFG integra a política do governo federal de combate ao crack e outras drogas, na etapa de prevenção ao uso de drogas. Seu objetivo é qualificar profissionais da área da saúde ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Sistema Único de Assistência Social (SAES), assim como profissionais dos hospitais gerais. O CRR-UFG é coordenado pela professora Tânia Maria da Silva, da Faculdade de Farmácia, e está sediado na sala 109 do Centro de Aulas D, no Câmpus Colemar Natal e Silva (Praça Universitária). O telefone para contato é (62) 3209-6049.

Jaqueline Telis

Professora Tânia Maria da Silva

Biblioteca Central sediou exposição itinerane da Sociedade Brasileira de Química

2011, o Ano Internacional da Química

Entre as atividades promovidas pela UFG em celebração ao Ano Internacional da Química (AIQ) foi realizada, no mês de abril, a exposição *A Química no Cotidiano*, na Biblioteca Central, Câmpus Samambaia. Promoção conjunta da UFG com a Sociedade Brasileira de Química (SBQ) e o Museu da Vida da Fiocruz, entidades responsáveis por sua organização, a exposição foi concebida como um projeto itinerante que percorreu todas as regionais da SQB. mostrando as grandes descobertas da Química e os avanços científicos e tecnológicos da área, cujos benefícios são comprovados na atualidade. A meta do AIQ foi promover, em âmbito mundial, o conhecimento e a educação química em todos os níveis. Além de divulgar e celebrar os inúmeros benefícios da química para a humanidade, o AIQ realizou uma ação educativa mundial sob o *slogan* "Química para um mundo melhor" (*Chemistry for a better world*), coordenada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pela União Internacional de Química Pura e Aplicada (Iupac). O principal objetivo dessa campanha foi envolver todos os níveis da educação na reflexão sobre o papel da Química na construção de um mundo sustentável. A realização da AIQ teve o apoio de órgãos governamentais, entidades representativas da Química em todo o país e do setor industrial.

Programa de Educação Tutorial

O XVI Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial (XVI Enapet) foi realizado na UFG, em julho, com o tema "Diversidade Cultural e Integração do Conhecimento". Visitas técnicas a grupos goianos do PET, bem como passeios e discussões relacionadas ao tema, fizeram parte da programação. Na conferência de abertura, o presidente da Comissão Executiva Nacional do PET, Álvaro Leonard Ayala Filho, lembrou aos estudantes o objetivo do encontro de construir o formato que o programa terá daqui a dez anos. A coordenadora do XVI Enapet, Estelamaris Tronco Mônego (Fanut/UFG) destacou que essa foi a maior edição do evento com 1.700 estudantes inscritos. "Registramos participantes de todos os estados. O evento superou as expectativas", avaliou a coordenadora do evento.

Jaqueline Telis

Petianos de todo o país na porta do Teatro Sesi onde foi realizado o evento

Maior evento científico do Brasil

Goiás sediou pela segunda vez a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Depois da 54a. Reunião Anual da entidade, realizada na UFG em 2002, a universidade recebeu, em julho deste ano, a 63ª Reunião Anual da SBPC, com o tema "Cerrado: água, alimento e energia". Conforme a tradição deste que é um dos maiores eventos de divulgação científica do país, a 63ª Reunião atraiu um grande público. Mais de dez mil pessoas acompanharam, de 11 a 15 de julho, a intensa programação científica e cultural, com atividades diversificadas, para todos os públicos. Um evento prévio, a Reunião Regional, foi realizada em Catalão, de 3 a 6 de maio. Cinco conferências, oito mesas-redondas, 37 minicursos e atividades de divulgação científica sobre o tema "Ciência e tecnologia para a agricultura, pecuária e mineração do século XXI" movimentaram o Câmpus Catalão.

Os organizadores contabilizaram 2.083 inscrições. Além dos 1.380 participantes do estado de Goiás, compareceram professores e alunos de Minas Gerais, São Paulo, Tocantins, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Piauí, Pará e Bahia.

A programação científica da Reunião Anual incluiu, além da apresentação de 4.970 trabalhos, a Feira ExpoT&C, uma mostra de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) que constituiu uma das principais atrações, com estandes de mais de 30 instituições e agências de ensino, pesquisa e fomento.

Nas tendas Paz-Ciência e Comum-Unidade, o público podia conhecer, por meio de brincadeiras, as maravilhas da ciência. Nesse clima, cerca de 4.500 jovens se movimentaram em ambientes como o Circo da Ciência e oficinas lúdicas montados com o objetivo de prender sua atenção. Com certeza, o evento permanecerá ainda por muito tempo na memória daqueles que puderam usufruir da rica oferta de cultura científica.

Mário Braz

Cerca de três mil vestibulandos e outros secundaristas participaram do seminário literário oferecido pelo Cepae

Kaique Agostineti

Seminário sobre os livros do vestibular

Cerca de dois mil estudantes participaram do seminário dos Livros do Vestibular 2012-1 da UFG, promovido pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), em outubro. O evento é oferecido todos os anos com o objetivo de auxiliar os vestibulandos na área de Literatura. A divulgação do evento é direcionado à rede pública de ensino.

De acordo com uma das coordenadoras do projeto, a professora Luzia Rodrigues da Silva, o vestibular é apenas um pretexto. Ela explica que o principal objetivo é juntar as pessoas ao redor da literatura e promover a formação de leitores. Segundo ela, "os estudantes extrapolam a própria compreensão do texto".

Para o autor Gabriel Galera, que participou do evento pela segunda vez, foi uma oportunidade gratificante. Ele não esperava que um dia o seu livro faria parte da lista de obras exigidas em um concurso vestibular. "Encontros como este fazem com as pessoas gente pense na história do livro de uma maneira diferente de quando o escrevi. Deparo-me com interpretações que não imaginava. Acaba sendo um aprendizado para mim também", declarou o autor.

Alternativas de combate à dengue

Nos dias 27 e 28 de outubro, reuniram-se no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP) pesquisadores de todo o país, para o IX Seminário de Patologia Tropical e Saúde Pública e a II Semana de Biotecnologia. O destaque foi a mesa-redonda sobre o combate à dengue, da qual participaram os professores João Bosco Siqueira Júnior e Heloísa Helena Garcia da Silva, do IPTSP, e o médico Pedro Garbes, diretor de Pesquisas Clínicas para a América Latina, do Laboratório Sanofi Pasteur.

Segundo João Bosco, em 2011 foram notificados 750 mil casos de dengue no Brasil, com uma redução de 24% do total, de 40% dos casos mais graves e de 25% do número de óbitos, em relação ao ano passado, quando o número de casos chegou a um milhão. Apesar de mostrar uma retração na incidência da doença, estes dados foram anunciados ainda com preocupação. Para João Bosco, é preciso dar mais ênfase aos estudos sobre as epidemias, a fim de que se possa prever em que condições e com que continuidade o vírus se modifica e se alastra.

Pedro Garbes apresentou um teste que está sendo realizado internacionalmente para se obter uma vacina eficaz contra a dengue. A professora da Faculdade de Medicina, Maria Selma Neves da Costa, é a coordenadora desse trabalho em Goiás. A vacina, que passou pela fase de testes em laboratórios, foi produzida mediante a recombinação de material genético do vírus da febre amarela e dos próprios sorotipos da dengue, de modo a criar outro tipo de vírus que não tem condições de se espalhar em ambiente natural. Pedro Garbes alertou que não se trata de um antídoto milagroso: "É mais uma forma de controle", afirmou. A experimentação em grupos humanos teve início em 2009, alcançando o Brasil em 2011. As primeiras capitais a formar núcleos de voluntários foram Vitória e Goiânia. A previsão é que, até o fim de 2012, os primeiros resultados dessa etapa sejam divulgados. Ao final da pesquisa, o laboratório calcula haver alcançado 45 mil voluntários.

Questionado acerca das formas de distribuição da futura vacina e dos possíveis acordos entre organismos multilaterais e nações para assegurar aos cidadãos o acesso ao produto, Pedro Garbes evitou opinar: "Nossa equipe está se esforçando para desenvolver o produto, ainda não nos preocupamos com isso". Na visão do professor João Bosco, como a demanda é alta em todo o mundo, corre-se o risco de haver concorrência entre os futuros compradores. "Por isso, temos de realizar outras pesquisas e planejar outras formas de evitar a doença", reforçou João Bosco.

Servidores da UFG em greve

No início de junho, os servidores técnico-administrativos da UFG aderiram ao movimento nacional de greve para reivindicar melhores salários e a não-criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), concebida para administrar os hospitais universitários. Na pauta interna de reivindicações constava, ainda, a adoção das 30 horas de jornada de trabalho semanal para toda a categoria. Membro da diretoria da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Universidades Públicas Brasileiras (Fasubra), Fátima Reis avaliou que "esta foi uma das maiores greves, em termos de número de pessoas envolvidas e de atividades desenvolvidas". No entanto, o que mais marcou os mais de 100 dias de mobilização dos servidores foi a não-abertura do governo federal para negociações com a categoria em greve.

Carlos Siqueira

Momento em que os servidores votaram pela greve em junho

Fotos: Carlos Siqueira

Autoridades de diversas instituições, nacionais e estrangeiras, marcaram presença no primeiro congresso do IBE que objetivou a organização de ideias, projetos e trocas de saberes

Cidades são catalizadoras do futuro

Soluções para problemas de conglomerados urbanos são discutidos em evento internacional, na UFG

Anamaria Rodrigues e Patrícia da Veiga

As cidades, para onde converge a maioria da população mundial, constituem o ponto fulcral de onde devem partir iniciativas de conservação dos recursos naturais e de melhoria da qualidade de vida, seja por meio do uso de tecnologias sustentáveis, seja por meio de medidas eficientes de gestão vinculadas à diplomacia e à política. Trata-se de posicionar o debate sobre o futuro da vida em sociedade. Por esse motivo, pesquisadores de diversas localidades se reuniram em Goiânia no final de novembro de 2011, durante o Primeiro Congresso Anual do Instituto de Estudos Brasil–Europa (IBE). "Cidades inteligentes, cidades humanas (*Smart cities Human cities*)" foi o tema central do evento, organizado por um consórcio multidisciplinar de instituições de pesquisa.

Nas quatro sessões foram abordados temas como: a relação entre qualidade de vida e tecnologia; políticas para as cidades; experiências de sustentabilidade em andamento nos países do Norte e do Sul; e a natureza do diálogo entre classe política e sociedade civil no enfrentamento dos diversos desafios da atualidade. O contexto global de crise econômica, bem como seus efeitos para as populações (tais como miséria, falta de moradia, criminalidade etc.), foi tratado de forma transversal aos temas.

Entre os participantes do evento, ficou clara a definição de uma estratégia considerada crucial para o desenvolvimento de pesquisas e a produção de conhecimento, que deve nortear-se e ser intensificada pela transdisciplinaridade, pelo intercâmbio de ideias e pela troca de experiências entre diversas regiões do mundo.

De acordo com o coordenador geral do IBE, Moacyr Martucci Júnior, o primeiro congresso foi de organização de ideias, projetos e trocas de saberes. O que se vislumbra é a "refinação" do próximo, que acontecerá em Belém (PA), no sentido de elaborar propostas conjuntas e soluções reais de convivência nas cidades.

O evento foi realizado no Centro Cultural da UFG e contou com a presença de diversas autoridades, entre elas, o reitor da UFG Edward Madureira Brasil, o prefeito de Goiânia Paulo Garcia, o ministro conselheiro e encarregado de Negócios da União Europeia no Brasil Francisco Fontan, o chefe da Divisão de Ciência e Tecnologia do Ministério das Relações Exteriores Ademar Seabra da Cruz Junior, o Superintendente Executivo da Secretaria de Gestão e Planejamento do estado de Goiás Alexandre da Silva, entre outros.

Compõem o consórcio de organizadores e debatedores do IBE, além da UFG, a Universidade de São Paulo (USP), as Universidades Estaduais de Campinas (Unicamp), Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e as Universidades Federais de Minas Gerais (UFMG), de Santa Catarina (UFSC), do Piauí (UFPI) e do Pará (UFPA). Entre as instituições estrageiras estão a Universidade do Porto, *Brunel University, Sapienza Universitá di Roma, Universitè Libre de Bruxelles, Freie Universität Berlin, Karlstads Universitet, Ecole Nationale de 'Administration* e outras.

Ao final do evento foi elaborado, pela comissão organizadora, um relatório, com os pareceres finais do evento.

Veja o relatório completo do evento em: www.jornalufgonline.ufg.br

Gestores mobilizam-se durante III Workshop CT-INFRA

Michele Martins

De 7 a 9 de novembro, pró-reitores e secretários das pró-reitorias de pós-graduação de instituições de ensino superior do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste estiveram reunidos na UFG com o propósito de promover a integração e a troca de experiências entre as instituições que participam das chamadas públicas do fundo setorial CT-INFRA, destinado a modernizar e ampliar a infraestrutura e os serviços de apoio à pesquisa.

Apesar da integração promovida, o encontro acabou se tornando um fórum de mobilização contra o contingenciamento de recursos destinados aos fundos setoriais. No dia 8, enquanto o ministro de Ciência e Tecnologia, Aloízio Mercadante, realizava em Brasília um balanço dos dez meses à frente da pasta e apresentava as metas para os próximos quatro anos, os participantes do III Workshop CT-INFRA reunidos na UFG discutiam a atual conjuntura política e econômica e as formas de mobilização para que o contingenciamento registrado em 2011 não se torne uma constante nos próximos anos.

O tom alarmista prevaleceu durante a mesa-redonda "O Proinfra/Finep/MCT e o desenvolvimento da Pesquisa e da Pós-Graduação no Brasil", da qual participaram Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Hélio Leães Hey, pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Ricardo Rosa, chefe do Departamento de Infraestrutura das Universidades da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Ao final do encontro foi redigido um documento, contendo informações acerca do impacto do CT-INFRA sobre as diversas instituições de pesquisa das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Reitor é o novo presidente da Ridesa

A Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético (Ridesa) está sob novo comando. No dia 29 de novembro, a reitora da Universidade Federal e Alagoas (UFAL), Ana Dayse Dorea, transmitiu o cargo de presidente da Ridesa para o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil. A rede é uma parceria público-privada, que envolve mais de 300 empresas produtoras de açúcar, etanol e energia e dez universidades federais em trabalhos de pesquisa, como o desenvolvimento de novas variedades de cana-de-açúcar. O ministro da Educação, Fernando Haddad, participou da solenidade que ocorreu em Brasília. O professor Marcos Sanches Vieira, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), passou o cargo de coordenador-geral da Ridesa ao colega Edelclaiton Daros, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além das instituições citadas, integram a Ridesa, a UFV (Viçosa), UFS (Sergipe), UFMT (Mato Grosso), UFRPE (Pernambuco), UFRRJ (Rio de Janeiro) e UFPI (Piauí).

UFG é contemplada com o Prêmio Finep de Inovação

Professores João Teodoro, coordenador de Ciência e Tecnologia; Nelson Antoniosi, coordenador do Lames; Divina Cardoso, Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e Edward Madureira Brasil, reitor da UFG, na cerimônia de entrega do Prêmio Finep

No último dia 6 de dezembro foram anunciados os vencedores do Prêmio Finep de Inovação 2011 na região Centro-Oeste. Na categoria Instituição Científica e Tecnológica, a UFG foi contemplada em segundo lugar com o Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) e, em terceiro lugar, com o Laboratório de Métodos de Extração e Separação (Lames). O primeiro lugar ficou com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com o seu Laboratório de Purificação de Proteínas e suas Funções Biológicas. O evento ocorreu na Casa da Indústria, da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), em Goiânia. O Lames da UFG concorreu ao prêmio pelo desenvolvimento de biolubrificantes e de biograxas a partir de óleos e gorduras de vegetais ou de animais. Atualmente, seis estudantes de pós-graduação estão envolvidos na pesquisa que já dura quatro anos. De acordo com a concepção do NIT, vinculado à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, ele é o responsável por todos os assuntos relacionados à transferência de tecnologia e à propriedade intelectual. Segundo o reitor Edward Madureira, "o NIT é recente e já deposita patentes no nível das grandes universidades". O prêmio consta de recursos, da ordem de R$ 120 mil a R$ 2 milhões, dependendo da categoria, a serem utilizados no desenvolvimento de trabalhos nas áreas de ciência, tecnologia e inovação.

CONFERÊNCIA LIVRE SOBRE TRANSPARÊNCIA E CONTROLE SOCIAL

UFG em Catalão realiza Conferência Livre sobre Transparência e Controle Social

Fábio Gaio

O Câmpus Catalão (CAC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Controladoria Geral da União (CGU) promoveram a Conferência Livre de Transparência e Controle Social (Consocial), realizada no dia 10 de dezembro, no auditório Professor Paulo de Bastos Perillo, durante todo o dia. Com entrada franca, o evento foi aberto a toda a comunidade.

A conferência teve como objetivo principal promover a transparência pública e estimular a participação da sociedade no acompanhamento da gestão pública, contribuindo para um controle social mais efetivo e democrático do uso correto e eficiente do dinheiro público.

De acordo com o diretor do Câmpus Catalão, Manoel Rodrigues Chaves, a iniciativa de promover uma conferência livre na instituição partiu da própria CGU. Segundo Manoel Chaves, a expectativa de que a população do sudeste goiano respondesse ao chamado da CGU e participasse da conferência foi atendido. Pretende-se que o evento seja um elo entre a sociedade e o poder público, com o fim de proporcionar um melhor controle da administração pública.

As Conferências Livres complementam as conferências municipais, regionais e estaduais, podendo ser promovidas por segmentos da sociedade civil, pelos conselhos de políticas públicas, e pelo próprio poder público. Embora as Conferências Livres não elejam delegados, a participação dos cidadãos é fundamental, pois as propostas surgidas nessas instâncias serão encaminhadas à Coordenação-Executiva Nacional para a Etapa Nacional da 1ª Consocial, marcada para ocorrer em Brasília, de 18 a 20 de maio de 2012. Já as Conferências Estaduais e Distrital elegem delegados e encaminham até vinte diretrizes/propostas diretamente à Etapa Nacional da Consocial.

Em Goiás, já foram realizadas conferências em diversos municípios, como Anápolis, Itumbiara, Aparecida de Goiânia e Goiânia. A etapa estadual será realizada nos dias 1º e 2 de dezembro, no Centro de Treinamento da Emater (Centrer), no câmpus II.

Atualmente ocorrem em todo o Brasil as Conferências Municipais, Estaduais, Distrital, Livre e Virtual. O cronograma de encerramento destas etapas varia. Entretanto, até abril de 2012, todas as fases do cronograma já terão sido realizadas.

Realizações e desafios marcam a administração do Câmpus Jataí

Cláudio Lira

O Câmpus Jataí termina o ano de 2011 consolidando uma fase de crescimento significativo nas atividades acadêmicas. Desde a sua criação, em 1980, o câmpus tem alcançado realizações importantes, apesar das dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura adequada e ao número insuficiente de servidores necessários para atender a uma demanda crescente de estudantes. Com o recente programa de expansão e reestruturação das universidades federais, parte dessas dificuldades começou a ser superada, mas novos desafios surgiram.

Atualmente o câmpus atende a 2.827 estudantes de graduação, distribuídos em 23 cursos de todas as áreas do conhecimento, além da pós-graduação *stricto* e *lato sensu*. Para o vestibular 2012, a novidade é o curso de bacharelado em Química, que oferecerá 40 vagas em turno integral. Um marco importante foi a inauguração da Cidade Universitária José Cruciano de Araújo, um anseio antigo da comunidade acadêmica, com o apoio da Prefeitura de Jataí e do deputado federal Leandro Vilela.

O Câmpus Jataí conta hoje com 234 servidores docentes e 59 servidores técnico-administrativos do quadro efetivo da UFG. Além de coordenarem mais de 500 projetos de pesquisa e extensão, cadastrados na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG) e na Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec), e financiados por agências de fomento, muitos professores recebem a Bolsa de Produtividade em pesquisa, do CNPq. Entre os projetos, destaca-se o Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Enfermagem.

Apesar de seu bom desempenho, fruto do incessante trabalho e da dedicação do corpo docente e dos técnicos-administrativos, o câmpus permanece com um número de servidores muito aquém do ideal. A carga horária média de aula ultrapassa 12 horas-aulas por semana. Em muitas situações o professor se vê obrigado a ministrar de 18 a 20 horas semanais, sob pena de prejudicar a formação dos estudantes. Tal situação se agravou-se sobremaneira com o término do convênio entre o governo estadual e a UFG, por meio da Fundação Educacional de Jataí (FEJ), que culminou com a demissão de funcionários e de professores substitutos contratados pela FEJ.

O cenário é de desafios, a serem superados pela nova diretoria do câmpus, empossada no fim de agosto, composta por Wagner Gouvêa dos Santos e Alessandro Martins, respectivamente diretor e vice-diretor do Câmpus Jataí.

Câmpus Goiás ganha sede própria

Geandra Avelar

O Câmpus Cidade de Goiás iniciará o ano letivo de 2012 com novo visual. Está em fase de acabamento o prédio com seis salas de aula, cada uma com capacidade para 50 estudantes, além de quatro salas administrativas, todas equipadas com ar-condicionado. A construção do novo prédio integra o plano de expansão do câmpus. Atualmente são três cursos em funcionamento – Direito, Serviço Social e Filosofia. Um quarto curso de graduação (ainda não definido) deverá ser oferecido a partir do segundo semestre de 2012.

A biblioteca também passou por uma reforma. Conta, agora, com um maior espaço para estudo, rede *Wi-Fi*, laboratório de informática com computadores disponíveis, dois terminais de consulta do acervo (sendo um adaptado para deficientes físicos), além de estar climatizada.

Para quem utiliza o espaço, a mudança foi satisfatória. Luana Brás, aluna do 6º período do curso de Serviço Social, percebeu a diferença logo no primeiro dia de funcionamento da biblioteca após a reforma. "Melhorou muito a estrutura. Tem muita gente utilizando o laboratório de informática e isso facilita os estudos. Eu mesma utilizo a *Wi-Fi*, que é ótima", afirmou a estudante.

Divulgação

Cresce produção e audiência da TV UFG

Em fase de consolidação com crescimento, a TV UFG comemora seu segundo ano com uma equipe empenhada na produção de programas locais, buscando o aproveitamento máximo do potencial técnico da universidade

Almejada pela UFG desde a sua fundação, no início da década de 1960, nos tempos atuais a TV UFG é uma realidade, que veio para ficar. No dia 14 de dezembro, a UFG celebrou 51 anos e a TV completou seu segundo ano no ar. Utilizando o canal 14, aberto, a TV UFG é a mais nova emissora de Goiânia e a primeira concessão de televisão educativa e cultural de Goiás. Com boa parte da grade de programação retransmitida da TV Brasil, a emissora tem também produção local, em sua maioria relacionada a temas de interesse da própria UFG. Há, ainda, a programação compartilhada pelas instituições federais de ensino superior, por meio da Redelfes, que possibilita a troca de programas.

Conheça as atrações da TV UFG:

Segunda-feira

5h50	Salto Para o Futuro
6h50	Telecurso Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h50	Jornal Visual
8h	Repórter Brasil
8h45	Cocoricó
9h	Barney e seus Amigos
9h30	Castelo Rá Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	Bill Tampinha e Sua Melhor Amiga Korky
11h30	A Turma do Pererê
12h	Cultura Ponto a Ponto
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h	A Turma do Pererê
13h30	Catalendas
13h45	Carrapatos e Catapultas
14h	Dango Balango / Vila Sésamo
15h	Escola Pra Cachorro
15h15	Bob, o Construtor
15h30	Curta Criança
16h	Sem Censura
17h30	Rede Jovem de Cidadania
18h	Estúdio Móvel
18h30	Clube do Travesseiro
19h	America Latina Viva
19h30	Vida de Estagiário
20h	DOC TV Goyas
21h	Repórter Brasil
22h	Brasilianas.org
23h	Roda Viva
0h30	É a Vovozinha
1h	Revista do Cinema Brasileiro
2h	Sem Censura
3h30	Stadium
5h30	Caminhos da Reportagem
5h50	Musicograma

Terça-feira

5h50	Salto Para o Futuro
6h50	Telecurso Ensino Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h50	Jornal Visual
8h	Repórter Brasil
8h45	Cocoricó
9h	Bob o Construtor
9h30	Castelo Rá Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	Connie, a Vaquinha
11h30	A Turma do Pererê
12h	Cultura Ponto a Ponto
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h	A Turma do Pererê
13h30	Catalendas/Tromba Trem
14h	Dango Balango/Vila Sésamo
15h	Meu Amigaozão
15h15	Bob o Construtor
15h30	Curta Criança
16h	Sem Censura
17h30	Mais Ação
18h	Estúdio Móvel
18h30	Clube do Travesseiro
19h	Em Tese
19h30	Expedições
20h	Oncotô
20h30	Cara e Coroa
21h	Repórter Brasil
22h	Observatório da Imprensa
23h	Samba na Gamboa
24h	Arte com Sergio Brito
0h30	Mama África
1h30	Almanaque
2h	Sem Censura
3h30	Brasilianas.org
4h30	Caminhos da Reportagem
5h30	Musicograma

Quarta-feira

5h50	Salto Para o Futuro
6h50	Telecurso Ensino Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h50	Jornal Visual
8h	Repórter Brasil
8h45	Cocoricó
9h	Os Pequenos Robôs
9h30	Castelo Rá Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	Os Pezinhos Mágicos de Franny
11h30	A Turma do Pererê
12h	Cultura Ponto a Ponto
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h	A Turma do Pererê
13h45	Catalendas
14h	Dango Balango
14h30	Vila Sésamo
15h	Escola Pra Cachorro
15h50	Bob o Construtor
15h30	Curta Criança
16h	Sem Censura
17h30	Alto Falante
18h	Estúdio Móvel
18h30	Clube do Travesseiro
19h	Faz o Quê? Licenciatura
19h30	Comentário Geral
20h	DOC TV Goyas
21h	Repórter Brasil
22h	3 X 1
23h	Amazônia com Bruce Parry
24h	América Latina tal como Somos
1h	A TV que se Faz no Mundo
1h30	Cara e Coroa
2h	Sem Censura
3h30	Observatório da Imprensa
4h30	Caminhos da Reportagem
5h50	Musicograma

Quinta-feira

5h50	Salto Para o Futuro
6h:50	Telecurso Ensino Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h50	Jornal Visual
8h	Repórter Brasil
8h45	Cocoricó
9h	Thomas e Seus Amigos
9h30	Castelo Rá Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	S.O.S. Sônia
11h30	A Turma do Pererê
12h	Cultura Ponto a Ponto
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h	A Turma do Pererê
13h30	Catalendas / Tromba Trem
14h	Dango Balango / Vila Sésamo
15h	Meu Amigaozão
15h15	Bob o Construtor
15h30	Curta Criança
16h	Sem Censura
17h30	Mais Ação
18h	Estúdio Móvel
18h30	Clube do Travesseiro
19h	Câmera Aberta
19h30	O Trem da Ciência
20h	Animania
20h30	Horário Reservado aos Partidos Politicos
20h40	O Público na Tv
21h	Repórter Brasil
22h	Caminhos da Reportagem
23h	A Grande Música
24h	Etnodoc
0h30	Doc Tv IV
1h30	Oncotô
2h	Sem Censura
3h30	Conexão Roberto D'avila
4h30	Caminhos da Reportagem
5h30	Musicograma

Sexta-feira

5h50	Salto para o Futuro
6h50	Telecurso Ensino Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h50	Jornal Visual
8h	Repórter Brasil
8h45	Cocoricó
9h	Pingu
9h30	Castelo Ra Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	O Pequeno Vampiro
11h30	A Turma do Pererê
12h	Cultura Ponto a Ponto
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h	A Turma do Pererê
13h30	Catalendas
13h45	Carrapatos e Catapultas
14h	Dango Balango
14h30	Vila Sésamo
15h	Escola Pra Cachorro
15h15	Bob o Construtor
15h30	Curta Criança
16h	Sem Censura
17h30	Diverso
18h	Estúdio Móvel
18h30	Clube do Travesseiro
19h	Caldo de Cultura
19h30	Programa Especial
20h	Tal TV – Expedición Natibo
20h30	De Lá Pra Cá
21h	Repórter Brasil
22h	Programa De Cinema
23h30	Cine Ibermédia
1h30	Doc Especial
2h	Sem Censura
3h30	Aglomerado
4h30	Caminhos da Reportagem
5h30	Musicograma

Sábado

5h50	ABZ do Ziraldo /Ser Saudável
6h45	Telecurso Ensino Fundamental/ Médio/ Tecendo o Saber
7h45	Câmera Aberta/ Trocando em Miúdos
8h30	A Princesa Sherazade
9h	Mobilização
9h30	Castelo Rá Tim Bum
10h	Um Menino Muito Maluquinho
10h30	Janela Janelinha
11h	Histórias Assim
11h15	Cedric
11h30	A Turma do Pererê
12h	Inami
12h30	Um Menino Muito Maluquinho
13h30	Catalendas
13h45	Cocoricó
14h	Dango Balango
14h30	Cozinha Brasil
15h	Tome Ciência
16h	Expedições
16h30	Faz o Quê? Licenciatura
17h	Caldo de Cultura
17h30	Segue o Som
18h30	Aglomerado
19h30	Para Todos
20h	Arte Com Sérgio Brito
20h30	Conexões
21h	Repórter Brasil
21h30	Musicograma
22h	Sábados Azuis
22h30	Programa de Cinema
1h15	Curta TV
1h45	Caminhos da Reportagem
3h	Segue o Som
3h30	Diverso
4h30	A Grande Música
5h30	Caminhos da Reportagem
5h50	Musicograma

Domingo

6h	Via Legal
6h30	Brasil Eleitor
7h	Cientia
7h30	Caldo de Cultura
8h	Plural
9h	Viola Minha Viola
10h15	Curta Criança
12h	ABZ do Ziraldo
12h30	Conexões
13h	A Turma do Pererê
13h30	Catalendas
13h45	Cocoricó
14h	Dango Balango
14h30	TV Piá
15h	Faz o Quê? Licenciatura
15h30	Caldo de Cultura
16h	Amazônia com Bruce Parry
17h	Ver Tv
18h	De Lá Pra Cá
18h30	Cara e Coroa
19h	Papo de Mãe
20h	Conexão Roberto Dávila
21h	Esportvisão
22h30	Conexões
23h	Cine Ibermédia
0h45	Média Nacional
1h30	Esportvisão
3h	De Lá Pra Cá
3h30	A Grande Música
4h30	Caminhos da Reportagem
5h30	Musicograma

Universitária AM 870: qualidade musical e diversidade cultural

Definida como uma emissora que valoriza estilos diversificados, do local ao universal, divulgando a música de raiz, a MPB, a música erudita e a música internacional de qualidade, a Rádio Universitária da UFG democratiza culturas

Itamar Pires

Aos 50 anos, a Rádio Universitária da UFG (AM 870) comemora a veiculação de sua programação, inteiramente própria, 24 horas no ar, e a chegada do sinal, com qualidade, a cerca de 120 municípios goianos. Sua marca é a diversidade cultural, difundindo os mais diversos gêneros musicais. Apesar da recente reformulação na grade, a base da sua programação é a música popular brasileira (MPB) em suas várias vertentes, mas também há a tradição da música erudita e da produção musical de Goiás. Cerca de 70% da programação musical é voltada para a música brasileira, como o samba, a música sertaneja de raiz, o chorinho, a bossa nova, bem como a produção regional.

Entre as novidades da programação estão a abertura de espaços para a divulgação da diversidade musical nas noites da semana e, também, um bloco de programas de informações e serviços voltados ao tema cidadania, nas manhãs de domingo, para o público ouvinte do interior de Goiás.

A presença dos estudantes de Jornalismo, que estagiam na Rádio Universitária, é outra marca da emissora. Ao longo de quase três décadas, mais de mil estudantes de Jornalismo tiveram seu primeiro contato com a produção radiofônica por meio do estágio, coordenado pela Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb). Eles mantêm programas informativos, revistas radiofônicas e programas esportivos, com destaque para a cobertura ao vivo dos jogos de campeonatos e copas em que os times goianos participam.

Diversidade – No ar desde a fundação da emissora, o programa Sala de Concertos mantém presente a música erudita há cinco décadas pela Rádio Universitária (2a.feira a 6a.feira, das 12h às 14h e das 22h às 24h). A música goiana está em toda a programação e, também, em programas específicos, como o Cena Cultural de Goiânia (2a. feira a 6a. feira, às 10h, e sábado, às 20h) e o Conexão Goiás (6a. feiras às 20h). Há dois anos, as madrugadas da emissora (de meia-noite às 6h) são ocupadas pelo Constelações, de ritmos musicais variados, com repertório adaptado a esse horário.

Internacional – A diversidade da produção internacional é abordada no Música do Mundo (sábado às 7h), Um Jeito de Jazz (sábado 21h) e Clássicos do Rock (terça-feira às 20h).

Notícias – A parte informativa da emissora consta de dois jornais diários (2a.feira a 6a.feira, às 11h30 e às 18h) e da produção jornalística dos estudantes de Jornalismo, em forma de revista eletrônica (Panorama) e programa de esportes (Fanáticos).

Terça-feira

0h - 6h	Constelações (musical, diversos gêneros)
6h - 7h	Alvorecer (instrumental)
7h - 8h	MPB
8h - 10h	Brasileirissimas
10h - 10h03	UFG Informa
10h04 - 10h55	Cena Cultural de Goiânia (regional)
10h55 - 11h	Conexão Brasil (música/ Arpub)
11h - 11h30	Informativo Rádio França Internacional
11h30 - 12h	Jornal Independente
12h - 14h	Sala de Concertos
14h - 16h45	Música em Movimento (diversos gêneros)
16h45 - 17h	Rádio Conhecimento (jornalístico)
17h - 18h	Panorama (revista radiofônica/ Facomb)
18h - 18h30	Jornal das Seis (Facomb)
18h30 - 19h	Fanáticos (esportes/ Facomb)
19h - 20h	Voz do Brasil
20h - 21h	Música Latina
21h - 22h	Um Jeito de Jazz
22h - 24h	Sala de Concertos (erudito)

Terça-feira

0h – 6h	Constelações (musical, diversos gêneros)
6h – 7h	Alvorecer (instrumental)
7h - 8h	Programação musical - MPB
8h - 10h	Brasileirissimas (musical)
10h - 10h03	UFG Informa
10h04 - 10h55	Cena Cultural de Goiânia (regional)
10h55 - 11h	Conexão Brasil (música/ Arpub)
11h - 11h30	Informativo Rádio França Internacional
11h30 - 12h	Jornal Independente
12h - 14h	Sala de Concertos
14h - 16h45	Música em Movimento (diversos gêneros)
16h45 - 17h	Rádio Conhecimento (NOVO)
17h - 18h	Panorama (revista radiofônica)
18h - 18h30	Jornal das Seis (Facomb)
18h30 - 19h	Fanáticos (esportes/ Facomb)
19h - 20h	Voz do Brasil (institucional)
20h - 21h	Clássicos do Rock
21h - 22h	Beatlemania
22h - 24h	Sala de Concertos

Quarta-feira

0h – 6h	Constelações (musical, diversos gêneros)
6h - 7h	Alvorecer (musical, instrumental)
7h – 8h	MPB
8h - 10h	Brasileirissimas (música brasileira)
10h - 10h03	UFG Informa
10h04 - 10h55	Cena Cultural de Goiânia (MPB regional)
10h55 - 11h	Conexão Brasil (Arpub/música)
11h - 11h30	Informativo Rádio França Internacional
11h30 - 12h	Jornal Independente
12h - 14h	Sala de Concertos (música erudita)
14h - 16h45	Música em Movimento (diversos gêneros)
16h45 - 17h	Rádio Conhecimento (jornalístico)
17h - 18h	Panorama (revista radiofônica/Facomb)
18h - 18h30	Jornal das Seis (Facomb)
18h30 - 19h	Fanáticos (esportes/ Facomb)
20h - 22h	Transmissões esportivas (Facomb)
22h - 24h	Sala de Concertos (música erudita)

Quinta-feira

0h - 6h	Constelações (musical, diversos gêneros)
6h - 7h	Alvorecer (musical, instrumental)
7h - 8h	Programação musical (MPB)
8h - 10h	Brasileirissimas (música brasileira)
10h – 10h03	UFG Informa
10h04 - 10h55	Cena Cultural de Goiânia (agenda cultural)
10h55 - 11h	Conexão Brasil (Arpub/ música)
11h - 11h30	Informativo Rádio França Internacional
11h30 - 12h	Jornal Independente
12h - 14h	Sala de Concertos (música erudita)
14h - 16h45	Música em Movimento (diversos gêneros)
16h45 - 17h	Rádio Conhecimento (jornalístico)
17h - 18h	Panorama (revista radiofônica/ Facomb)
18h - 18h30	Jornal das Seis (Facomb)
19h - 20h	Voz do Brasil
20h - 20h30	Contando Música (músicas brasileiras)
20h30 - 21h	Momento Bossa (musical)
21h - 22h	Flauta e Bandolim (chorinho)
22h - 24h	Sala de Concertos (música erudita)

Sexta-feira

0h - 6h	Constelações (musical, diversos gêneros)
6h - 7h	Alvorecer (musical, instrumental)
7h - 8h	MPB
8h - 10h	Brasileirissimas (música brasileira)
10h – 10h03	UFG Informa
10h04 - 10h55	Cena Cultural de Goiânia (MPB regional)
10h55 - 11h	Conexão Brasil (Arpub/ música)
11h - 11h30	Informativo Rádio França Internacional
11h30 - 12h	Jornal Independente
12h - 14h	Sala de Concertos (música erudita)
14h – 15h	Programa Voz da Mulher
15h - 16h45	Música em Movimento (diversos gêneros)
16h45 - 17h	Rádio Conhecimento
17h - 18h	Panorama (revista radiofônica)
18h - 18h30	Jornal das Seis (Facomb)
19h - 20h	Voz do Brasil
20h - 20h30	Conexão Goiás (música goiana)
20h30 - 21h	Remember (flashback)
21h - 22h	Universitária em Seresta
22h - 24h	Sala de Concertos (música erudita)

Sábado

0h - 6h	Constelações (diversos gêneros)
6h - 7h	Alvorecer (instrumental)
7h - 9h	Música do Mundo
9h - 10h	Então foi Assim (MPB)
10h – 11h	Beatlemania edição especial
11h - 12h	Baticum Brasileiro (musica e entrevista)
12h - 13h	Sintonia do Samba
13h - 14h	Roda de Choro (Rádio Câmara)
14h - 16h	Matéria-Prima (revista radiofônica/ Facomb)
16h - 18h	Doutores da Bola (esporte/ Facomb)
18h - 19h	Quadro a Quadro (revista radiofônica/Fasam)
19h - 20h	MPB
20h - 21h	Cena Cultural de Goiânia – edição especial (musica)
21h - 22h	Um Jeito de Jazz
22h - 23h	Clássicos do Rock
23h – 24h	Música Latina

Domingo

0h - 6h	Constelações (Novo horário)
6h - 6h30	Alvorecer (instrumental/ edição de domingo)
6h30 - 7h	Sintonia Sesc-Senac (serviços)
7h - 7h30	Café Brasil (serviços e crônicas)
7h30 - 8h	Programa Viva a Vida (Pastoral da Criança)
8h - 8h30	Vozes das Mulheres (Rádio Netherland)
8h30 - 9h	Prosa Rural (Embrapa)
9h - 11h	Meu Sertão (música e a cultura sertaneja)
11h - 12h	Então foi Assim (comentado, grandes sucessos da MPB)
12h - 14h	Música do Mundo (estilos de outros países)
14h - 15h	Baticum Brasileiro (música e entrevista)
15h - 15h30	Contando Música (músicas brasileiras)
15h30 -18h	Jornada Esportiva (Facomb)
18h - 19h	MPB
19h - 20h	Sintonia do Samba
20h - 21h	Flauta e bandolim
21h - 23h	Contraponto (instrumental brasileira)
23h - 24h	Na Era do Rádio (memória do rádio brasileiro)

Balanço da internacionalização acadêmica

No ano de 2011, 143 estudantes de graduação da UFG fizeram intercâmbio em diversos países, enquanto 34 estudantes estrangeiros de graduação escolheram a instituição goiana para sua formação superior. Em entrevista, a coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG, Ofir Bergemann, faz um balanço do trabalho desenvolvido pela coordenação e anuncia as novidades para 2012

Mário Braz

Ofir Bergemann, coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG

Michele Martins

O que de mais importante ocorreu este ano, no âmbito dos assuntos internacionais?

Em 2011 registramos um avanço enorme da internacionalização acadêmica. O fato mais significativo foi a implantação do programa Ciências sem Fronteiras, pelo governo federal. O programa prevê a concessão de 75 mil bolsas até 2014, contemplando a graduação, a pós-graduação, o pós-doutorado, a mobilidade docente e até o estágio Sênior. Tanto a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgãos executores do Ciências sem Fronteiras, estão incrementando os programas de intercâmbio já existentes e lançando novos. No âmbito da UFG, destaca-se, ainda, nossa inclusão na Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM).

Qual é a importância da participação da UFG na AUGM?

Ela reúne universidades da América do Sul, públicas e de referência. Avançamos muito em cooperação internacional com a Europa e a América do Norte, mas a América Latina tinha ficado um tanto de lado. A participação na AUGM é importante para termos uma relação mais estreita com os países vizinhos. Essa aproximação deu-se também com nossa participação no projeto Apoio ao Programa de Mobilidade Mercosul em Educação Superior (PMM), cujo objetivo maior é criar um sentimento de integração regional e de cidadania entre os membros do Mercosul.

O que que podemos esperar para 2012?

A continuidade do avanço da internacionalização. Não temos como prever quantos editais serão lançados, a não ser no caso do Edital Geral, geralmente publicado nos meses de abril e setembro pela própria UFG, mas que não garante apoio financeiro para o intercâmbio. Nos outros casos, dependemos das agências financiadoras para contar com as vagas e com as bolsas de estudos. Mas já sabemos que, em breve, haverá uma chamada no Ciências sem Fronteiras para intercâmbios na Alemanha, onde é possível também fazer cursos em inglês, inclusive na graduação. Temos expectativas de continuar participando dos programas financiados pelo Grupo Santander. Estamos atentos também às oportunidades com o Grupo Montevideo.

Existe algum programa ou convênio que contemple servidores técnico-administrativos?

O Programa *Erasmus Mundus* da União Europeia ofereceu bolsas para estudantes, servidores docentes e técnico-administrativos. Em 2010 o Brasil não foi contemplado no edital da Comissão Europeia, mas nos editais anteriores a UFG participou de três projetos. Um servidor foi contemplado e licenciou-se para fazer doutorado em Portugal. Torcemos para que o Brasil seja incluído no próximo edital. Promovemos também a participação de servidores no PMM. Quanto aos convênios, em geral eles são amplos e abrangem diferentes tipos de atividades e segmentos. Auxiliamos, inclusive, também a participação dos servidores em um programa de Mobilidade Mercosul.

Atualmente a UFG conta com quantos convênios vigentes?

Temos convênios com universidades de diferentes países, mas isso não significa que haja ações em desenvolvimento em todos os casos. O que a CAI procura fazer é vincular os convênios a programas que garantem apoio financeiro e, na medida do possível, contemplar todas as unidades acadêmicas. Posso citar alguns programas, como: o Capes/Brafitec (França), para estudantes de graduação das Engenharias; o Capes/Fipes (EUA), para os cursos de Letras, Artes Visuais, Música, Publicidade e Propaganda, Administração, Agronomia, Engenharia de Alimentos, Engenharia Florestal e Geografia; o Capes/Unibral (Alemanha), que é temático (estudos latino-americanos) e oferece oportunidades a estudantes de História, Letras, Geografia, Comunicação Social e Filosofia. Participamos também dos programas de intercâmbio de iniciação científica estabelecidos com instituições africanas. No período de férias, recebemos estudantes de Moçambique, Angola e Cabo Verde, que desenvolvem atividades de pesquisa na UFG.

Estudante da UFG ganha menção honrosa

Durante a XIX Jornada de Jovens Pesquisadores da Associação de Universidades Grupo Montevidéo (AUGM), a estudante do curso de licenciatura em Biologia, Francyelli Mariana de Santos Mello, recebeu Menção Honrosa de melhor apresentação oral no tema "Nanociência e nanotecnologia". Orientada pela professora Elisângela de Paula Lacerda, ela apresentou o trabalho "Avaliação ao Dano do DNA de Células Tumorais Sarcoma 180 Tratadas com Novo Complexo de Rutênio". Sua apresentação resultou de um conjunto de pesquisas realizadas no Laboratório de Genética Molecular e Citogenética, em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Essa foi a primeira vez que a UFG participou do evento e enviou 27 integrantes dos Câmpus de Goiânia, Catalão e Jataí. O evento foi realizado de 25 a 27 de outubro, na Universidade Nacional do Leste, Cidade do Leste, Paraguai, e reuniu estudantes de graduação e pós-graduação de 28 instituições de seis países da América Latina.

Divulgação

Caravana acadêmica contou com participantes de várias unidades da UFG

Encontro do RIUM contou com professores da UFG

O coordenador de Transferência e Inovação Tecnológica da UFG, João Teodoro Pádua, e o professor da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia (Face), Cândido Vieira, estiveram em Assunção, no Paraguai, no início de novembro, para o 1° Seminário de Redes de Incubadoras Universitárias do Mercosul (RIUM). O evento foi idealizado com o propósito de promover a mobilidade de estudantes, de gestores e de docentes como forma de aprimorar a economia regional. Participam, como membros da RIUM, universidades da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai. Do Brasil são quatro as instituições parceiras: as Universidades Federais do Mato Grosso do Sul (UFMS), de Goiás (UFG), de Uberlândia (UFU) e dos Vales do Jequitinhonha e do Macuri (UFJM).

Membros da Universidade Pedagógica de Moçambique na UFG

No dia 27 de outubro, a coordenadora do curso de Ciências Biológicas, modalidade a distância, da Universidade Pedagógica de Moçambique (UP), Ana Romão Wamir da Conceição, reuniu-se com o reitor da UFG, Edward Madureira Brasil, e com a pró-reitora de Graduação, Sandramara Matias Chaves. Na pauta foram expostas as principais dificuldades enfrentadas em Moçambique para a manutenção do curso de formação de professores no país. De acordo com Ana Romão, cerca de 200 estudantes correm o risco de ficar sem aulas, no início de 2012, por falta de material didático e de recursos para as aulas práticas. O coordenador brasileiro do curso, Welinton Ribamar Lopes, esclareceu que as dificuldades enfrentadas são resultado da extinção da Secretaria de Ensino a Distância do Ministério da Educação (MEC). Por essa razão, o curso ficou sem o amparo prometido.

Mário Braz

Professores moçambicanos foram recebidos na Reitoria

Em caráter emergencial, ficou decidido que a UFG ajudará na produção do material didático impresso para o próximo semestre. O diretor do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar), Leonardo Barra Santana de Souza, anunciou também que, em relação à plataforma de ensino, agentes pedagógicos e técnicos do órgão ficarão disponíveis para ministrar a capacitação de professores do curso em Moçambique.

Com objetivo semelhante, em 3 de novembro, também estiveram na UFG o reitor da UP, Rogério Uthui, a diretora de Relações Internacionais, Ana Paula Manso, e a coordenadora de Ensino a Distância, Alice Freia. O reitor da UP disse que a visita serviu para expandir a parceria entre as duas universidades. Ele afirmou que a intenção da UP é ampliar a oferta de cursos de graduação. "Queremos apoio para desenvolver cursos nas áreas de Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Comunicação, Turismo e Engenharias", disse Rogério Uthui.

Representantes da Embaixada de Israel propõem parcerias

No dia 22 de novembro, o primeiro secretário Alon Lavi e demais membros da Embaixada de Israel visitaram a UFG para propor parceria com a instituição, mediante o Programa Ciência Sem Fronteiras, criado pelo governo brasileiro. A coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG, Ofir Bergemann, recebeu a proposta de maneira positiva e aguarda mais informações da embaixada.

ARTIGO

Welinton Lopes *

Força de vontade e empenho marcam o ensino a distância em Moçambique

O Programa de Expansão do Ensino Superior a Distância na República de Moçambique foi instituído em 26 de outubro de 2010, com o objetivo de atender às demandas do país apresentadas ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Os cursos de graduação vinculados ao programa são destinados à qualificação de professores de escolas públicas – Pedagogia (Ensino Básico), Biologia, Matemática – e de gestores públicos – Administração Pública – nos moldes da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi convidada pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (MEC) a coordenar o curso de Ciências Biológicas, com duração de 10 semestres letivos, em parceria com a Universidade Pedagógica (UP) de Moçambique. Mais de 200 estudantes moçambicanos em três polos – Maputo, Beira e Lichinga – foram contemplados com a iniciativa, que tem algo inédito: os estudantes receberão dupla diplomação. Para tanto, o projeto pedagógico do curso e sua condução, bem como a produção de material didático, são resultado da parceria entre as instituições dos dois países.

Um projeto dessa envergadura e complexidade não se estabelece sem enfrentar algumas dificuldades. Primeiro, podemos citar o período reduzido de nove meses (contados a partir da assinatura do acordo de cooperação até o início das atividades) para estruturar o projeto pedagógico, capacitar professores e tutores, produzir material, organizar o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e toda a infraestrutura para que o curso começasse em fevereiro de 2011. Em segundo lugar, estão as dificuldades locais de gestão dos polos, de acesso à internet, de produção (impressão) de material didático, de infraestrutura nos laboratórios, de ausência de bibliotecas de apoio.

Com a extinção da Secretaria de Ensino a Distância pelo governo federal, em janeiro deste ano, o curso ficou sem o amparo prometido. As indefinições acerca de quem seriam os gestores responsáveis pelos recursos destinados aos pagamentos, às bolsas e à produção de material didático, atrapalharam muito o primeiro ano letivo, comprometendo a qualidade do programa.

Atualmente as Diretorias de Ensino a Distância e de Relações Internacionais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) dividem a gestão dos recursos financeiros do programa. Além disso, um comitê gestor interministerial (MEC/MRE) e um comitê executor serão criados para a gestão administrativa e executiva do programa.

No entanto, o aspecto que mais chama a atenção é o social. Os estudantes são professores da rede pública local que carecem de formação básica nas diversas áreas do conhecimento, mas com uma força de vontade, impulsionada pela necessidade, e um empenho que eu jamais havia testemunhado em meus quase vinte anos de magistério. Aliados ao engajamento e ao compromisso da equipe composta pelos gestores do programa e dos cursos, professores, orientadores acadêmicos, tutores presenciais da UFG e, principalmente, de Moçambique, tornam esse projeto uma missão muito especial, da qual eu tenho o maior orgulho e a honra de participar, apesar das dificuldades e adequações que precisam ser estruturadas.

* Welinton Lopes é professor do Departamento de Ecologia e Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas

Carlos Siqueira

As equipes da Escola de Veterinária estão aptas a realizar procedimentos cirúrgicos externos, inclusive podendo se deslocar para as propriedades rurais

Hospital Veterinário atende à grandes animais

Raniê Solarevisky

Além de oferecer serviços veterinários para cães e gatos, o Hospital Veterinário da UFG tem também capacidade para atender animais de grande porte. Com equipes de clínica, cirurgia e anestesia compostas por dois residentes da Escola de Veterinária, estagiários, alunos e dois professores, a disciplina Cirurgia de Grandes Animais tem como responsável o professor Luiz Franco.

As instalações do hospital têm capacidade para receber, em média, 20 animais: 12 nas baias e o restante no pasto. "Os alunos são a razão de ser de nossos serviços; nosso preço diferenciado, que somente cobre os custos e não visa ao lucro, consegue ser atrativo, mediante a alta qualidade do trabalho", afirmou o professor Luiz Franco. No centro cirúrgico são realizadas cirurgias de castração (com destaque para rufiões em bovinos), dos apanhelhos reprodutor e motor, de cabeça e abdômen (cesarianas são muito frequentes), bem como do casco e de luxação de patela (cãibra).

A única exigência para que o animal seja admitido no hospital é a realização de um exame preliminar, a fim de detectar eventuais doenças contagiosas e, dependendo da doença diagnosticada, pedir ao proprietário do animal a assinatura de um termo de ciência. "Também fazemos atendimentos externos agendados. Em um único dia, é bastante frequente atendermos mais de vinte ocorrências. Nossa preocupação com o bem-estar do animal é muito grande. Por isso, temos uma equipe dedicada somente à anestesia e, como estamos em uma escola, é fundamental seguir os protocolos de operação", informou o professor.

O hospital Veterinário está aberto de segunda a sexta, em horário comercial. Para agendar consultas ligue 3521-1587 ou 3521-1596.

COMUNIDADE PERGUNTA

Por que mudou a forma de pagamento das multas por atraso de livros na Biblioteca Central? Quais os procedimentos para o recolhimento de débitos nos bancos?

Bárbara Laryssa de Alencar Nogueira, estudante do 8º período do curso de Ciências Sociais

Valéria Maria Soledade de Almeida, diretora do Sistema de Bibliotecas da UFG

A opção de efetuar o pagamento das multas no banco sempre houve. Por causa da inexistência de instrumentos gerenciadores adequados e do horário comercial do sistema bancário, o Sistema de Bibliotecas (Sibi) oferecia a possibilidade de recolhimento de multas também nas bibliotecas. A partir de 2004, com a aquisição de um novo *software* gerenciador, foi possível oferecer novos serviços – como o alerta de devolução e o serviço de renovação *on-line*. Estes recursos possibilitaram ao Sibi/UFG fazer o ajuste de conduta interno e suspender, definitivamente, o recolhimento de multas nas bibliotecas, sem causar prejuízos à comunidade.

Desde abril de 2011 todo e qualquer tipo de recolhimento para as bibliotecas da UFG (multas, serviço de Comut etc.) deve ser realizado somente por meio de operação bancária. O usuário da biblioteca pode efetuar o pagamento em agências do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal (CEF). As opções de pagamento disponíveis são:

- depósito no caixa;
- depósito por envelope;
- transferência (a transferência pode ser feita a partir de conta bancária de outra pessoa).

Após o pagamento, o comprovante original deve ser apresentado no balcão de empréstimos da biblioteca, devidamente identificado, para a baixa do débito.

Mercado da preservação em alta

Práticas sustentáveis promovem desenvolvimento com menor impacto

Pollyana Reis

Atualmente em voga, o conceito de desenvolvimento sustentável foi apresentado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), e presidida pela ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, quando problemas como a degradação ambiental, o aquecimento global e a desigualdade social, a partir do alerta de estudiosos, começaram a ganhar mais espaço nos veículos de comunicação e consequentemente chegaram ao conhecimento da população.

Em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento foi promovida no Rio de Janeiro. Com a participação de 179 países, a conferência, que ficou conhecida como Rio 92, consagrou o conceito de desenvolvimento sustentável, procurando incentivar formas de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e a proteção dos ecossistemas da Terra. Do encontro resultou a elaboração de diversos documentos oficiais, entre eles a Agenda-21, que serve de base para cada país elaborar seu plano de preservação do meio ambiente, conciliando proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Para os problemas relacionados ao meio ambiente e à desigualdade social, as empresas autodenominadas "organização sustentável" têm sido comumente apontadas como provável solução. Com sua prática orientada para assumir uma conduta ética e de responsabilidade social com fornecedores, clientes, funcionários, acionistas, comunidade em geral (os chamados *stakeholders*), e também com o meio ambiente, esse tipo de empresa, de acordo com Estela Najberg, da Universidade Federal de Goiás (UFG), deve dar prioridade aos materiais recicláveis e não explorar a matéria-prima à exaustão.

Para a professora, ao contrário do que se costumava pensar, a produção sustentável não é antagônica à lógica de mercado, na verdade elas se encontram. "Se a empresa usa seus recursos de forma inteligente, sempre vai tê-los para continuar a produção. Além disso, a sociedade tem valorizado, cada vez mais, as empresas que agem corretamente com o meio ambiente. E, em relação à imagem institucional, isso agrega valor econômico também", explicou a professora.

Porém, a cultura imediatista, que incentiva o lucro a curto prazo, dificulta que mais empresas adotem uma política sustentável. Em regra, as organizações sustentáveis operam com o fator tempo numa escala de curto, médio e longo prazo, o que contraria o modelo atual de desenvolvimento.

No Brasil, o exemplo mais conhecido de organização sustentável é o da Natura, empresa fabricante de cosméticos, fundada em 1969. Em Goiás, Estela Najberg apontou, como exemplo, o Centro Caraívas, uma reserva ecológica localizada na Serra dos Pirineus, a 10 km de Pirenópolis, que incentiva o turismo eco-educativo na região.

Os empresários do Centro Caraívas alugam o espaço a grupos de visitantes que desejam fazer um retiro e entrar em contato com a natureza. De acordo com a gerente do local, Ariane Cerena Mesquita, a proposta é aproveitar o turismo para incentivar o respeito à natureza, a preservação do meio ambiente e a alimentação saudável. No Centro Caraívas, utilizam-se tecnologias alternativas, como fontes renováveis de energia (lenha, roda d'água, energia solar), alimentos orgânicos produzidos por comunidades próximas, além da coleta seletiva do lixo.

Alimentação saudável é um dos ganhos com a produção sustentável de alimentos

A lógica da biologia

As organizações sustentáveis produzem observando os seguintes critérios: poupar matéria-prima, deixar menos resíduos, emitir menos poluentes. Além disso, consideram formas corretamente ambientais de tratar o lixo, ações que caracterizam a chamada gestão ambiental. As pequenas empresas normalmente enfrentam dificuldades maiores para se adequarem a esse novo modelo de produção, pois tecnologias menos poluentes ainda são caras. Entretanto, com criatividade e inovação, muitas têm encontrado boas alternativas. Do ponto de vista dos biólogos, as organizações ditas "sustentáveis" precisam ir além do nome, pois muitas adotam o título apenas para agregar valor à marca e gerar publicidade e não com um sistema de produção diferenciado.

Para Ronaldo Dorta, coordenador do curso de Gestão Ambiental da Faculdade de Tecnologia do Senac-Goiás, as organizações sustentáveis devem trabalhar pensando na manutenção da biodiversidade e dos recursos indispensáveis para a vida (ar, água e alimento). "Algumas cooperativas, cujos integrantes trabalham com o processo de extrativismo, se utilizam de recursos naturais, como frutos, sementes e outras partes de plantas, como matéria-prima para os seus produtos", explicou.

Ele salientou que, em casos como esse, os integrantes da cooperativa conhecem a importância e a necessidade de conservação dos recursos para garantir a continuidade da atividade. Em relação às grandes empresas, Ronaldo Dorta afirmou que estão ocorrendo mudanças na gestão, com foco na sustentabilidade, cujo principal objetivo é conquistar novos mercados e obter outros benefícios, como facilidade de acesso ao crédito. "O momento é ideal para que práticas sustentáveis sejam testadas e algumas delas poderão ser consolidadas", declarou o professor. Mas não são apenas as empresas que devem mudar seu modelo de produção. A sociedade também precisa incentivar o consumo sustentável e consciente, privilegiando as companhias que adotam práticas ecologicamente corretas.

Fotos: Divulgação

Formas de preservação da natureza muitas vezes contrariam o modelo de produção em larga escala, tanto em quantidade quanto em rapidez, mas proporciona diversidade e qualidade